

Vet Cel Eng e de Estado-Maior Cláudio Moreira Bento



O texto é ilustrado com imagens da Artista Plástica Liana Timm.

Livro Digital

Digitalizado por Camila Karen C. S. Renê

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| APRESENTAÇÃO | 03 |
| EQUIPE | 04 |
| PREFÁCIO | 08 |
| INTRODUÇÃO | 12 |
| CANÇÃO MILITAR • definições | 12 |
| CANÇÕES MILITARES • Reflexos na Doutrina Militar | 14 |
| CANÇÃO MILITAR E O COMPORTAMENTO DO HOMEM | 15 |
| MARSELHESA• A mais famosa canção militar mundial | 16 |
| HINO NACIONAL, COMO CANÇÃO MILITAR | 17 |
| UMA ANTIGA CANÇÃO DO EXÉRCITO | 20 |
| O HINO NA GUERRA DO PARAGUAI | 21 |
| CANÇÃO DA VIVANDEIRA • histórico | 22 |
| CANÇÕES DA MARINHA | 22 |
| CANÇÕES DO EXÉRCITO | 24 |
| CANÇÕES DA AERONÁUTICA | 26 |
| CANÇÕES MILITARES E SEUS AUTORES | 28 |
| A BANDA DE MÚSICA MILITAR • Um pouco de História | 28 |
| BANDAS MILITARES NO BRASIL | 31 |
| CORNETEIROS E CLARINS • homenagens | 35 |
| LETRAS DE CANÇÕES DAS FORÇAS ARMADAS • Canção do Exército | 38 |
| Canção do Infante | 39 |
| Canção da Cavalaria • Canção da Artilharia | 40 |
| Canção do Expedicionário | 41 |
| Canção da Engenharia • Canção da Intendência | 43 |
| Canção da Academia Militar | 44 |
| Canção do Marinheiro • Canção da Escola Naval | 45 |
| Canção da Aeronáutica • Canção das Comunicações | 46 |
| Canção do Material Bélico | 47 |
| Esperança da Armada • Canção do Serviço de Saúde | 48 |
| Canção dos Fuzileiros Navais • Canção da Veterinária • Canção dos Cadetes do Ar | 49 |
| MÚSICAS E LETRAS DE CANÇÕES HISTÓRICAS • Óh! Virgem da Conceição | 50 |
| Canto de Guerra da Guerra do Paraguai | 51 |
| Canção da Vivandeira | 52 |
| Vitória ou Morte | 53 |
| O Guaicuru | 54 |
| Hino ao General Osório | 56 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 57 |
| ACERVOS SOBRE MÚSICA MILITAR BRASILEIRA | 59 |
| AGRADECIMENTOS E AUTORES | 60 |
| Conteúdo do disco anexo | 62 |
| Currículo histórico e cultural do Cel Cláudio Moreira Bento | 63 |

Nota Importante:É omitido o disco como as músicas relacionadas no Sumário. Os discos constantes dos 5.000 exemplares podem ser ouvidos nos diversos locais onde eles foram enviados. A Biblioteca da AMAN possui 5 exemplares e sua Banda de Música um exemplar.

APRESENTAÇÃO

O GBOEX iniciou, em 1990, uma nova fase de sua história, onde a modernização e o dinamismo se constituem em filosofia de atuação e na qual o talento ocupa posição de destaque.

Esta publicação resulta do esforço, da dedicação e da criatividade de numerosos profissionais de reconhecida capacidade intelectual, que aceitaram o desafio de desenvolver um projeto de elevado sentido patriótico.

Nomear a todos aqueles que tornaram esta obra possível seria impraticável, por isso concentro-me, principalmente, naqueles que assumiram as responsabilidades maiores: Cel. Cláudio Moreira Bento, diretor do Arquivo Histórico do Exército, pesquisador e historiador consagrado; Geraldo Elach, compositor e músico que enfrentou o desafio de conferir uma nova roupagem às quase esquecidas canções ora revividas, e a artista plástica Liana Timm, cuja sensibilidade surge nas obras de arte e no projeto gráfico juntamente com Edgar Timm.

O resultado é fruto de uma pesquisa iniciada há mais de dois anos quando, ainda Diretor de Produção do GBOEX, enviei correspondência para todos os quartéis do país, solicitando o material disponível — letras e partituras, sobre canções militares, acalentando o sonho de tornar de conhecimento público muitos dos hinos que motivaram nossos antepassados em situações de defesa da integridade da Pátria. Agradeço, sensibilizado, às respostas recebidas — mais de uma centena — e que constituíram a base para o trabalho que foi entregue, muito apropriadamente, ao Cel. Bento.

“**Amor Febril**” é a designação deste trabalho que, por sua vez, é o primeiro volume de um plano maior: **O PROJETO BRASILIDADE**. Com ele o GRUPO GBOEX pretende estimular o orgulho por nossa nacionalidade, e a defesa de nossas tradições. Contribui, ainda, para integrar civis e militares ao promover a consciência de que somos, antes de tudo, cidadãos brasileiros.

Sinto-me feliz em poder contribuir para esses elevados propósitos, através de uma iniciativa cultural e de profundo sentimento patriótico. Penso que as empresas tem um papel social a cumprir, e o GRUPO GBOEX está fazendo a sua parte.

Porto Alegre, maio de 1990.

Antonio de Lisboa Mello e Freitas

Presidente do GRUPO GBOEX



PROJETO BRASILIDADE
volume I "AMOR FEBRIL"

realização do INSTITUTO CULTURAL GBOEX
criação e supervisão

Antonio de Lisboa Mello e Freitas

coordenação de produção

Assessoria de Comunicação Social do
GRUPO GBOEX

Mário Villas-Boas da Rocha

assessor

Magda Xavier Parker

assistente

Virgínia Maria Pascual Marques de Andrade

assistente

LIVRO

texto

Cláudio Moreira Bento

obras de arte

Liana Timm

projeto gráfico

Edgar Timm & Liana Timm

produção

TIMM & TIMM

Arquitetura, Artes Plásticas e Gráficas Ltda.

as imagens de fundo das páginas 2, 3, 8, 9, 12, 13, 28, 29 são detalhes selecionados de fotos pertencentes ao Arquivo Histórico do Exército/RJ. a capa deste livro é PRIMACELL, celulose branqueada de fibra curta de eucalipto, as páginas são de papel RIOPRINT 150 g. ambos produzidos pela RIOCELL S/A.

1ª edição: 5.000 exemplares

Direitos da edição:

GBOEX Grêmio Beneficente

© CLÁUDIO MOREIRA BENTO, GERALDO FLACH LIANA TIMM

DISCO

direção musical

Geraldo Flach

produção

Sepé Tianyu de Los Santos

técnico de gravação

Luis C. Pedregosa

engenheiro de som

Geraldo Schuler

programações digitais

Luis C. Pedregosa

mixagem

Luis/Sepé/Flach/Schuler

assistente de estúdio

Carlos S. Lopes

estúdio

PLUG

arranjos

faixas 2A 3A 4A 2B 5B 6B

Geraldo Flach

faixas 5A 6A 4B 7B

Francisco Ferretti

faixa 3B

José Pedro Boéssio

participações especiais na "Canção da Vivandeira"

Lúcia Helena

canção "Óh! Virgem da Conceição"

Coral da Unisinos

toques de clarim

Cabo Olinto P. Viana

INSTITUTO CULTURAL GBOEX

DIRETORIA

Antonio de Lisboa Mello e Freitas

Presidente

Ayrton Moraes Teixeira

Vice-Presidente Administrativo

Ornar Lima Dias

Vice-Presidente Financeiro

Mário Villas-Boas da Rocha

Diretor de Comunicação Social
Maria Inês Schmitt Peçanha
Diretora Cultural
Maria Ercília Santos de Mello e Freitas
Superintendente

CONSELHO DELIBERATIVO DO GRUPO GBOEX

Jorge Marcos Spadafori Arguelles

Presidente

Mário Lindner

Vice-presidente

Soady Machado Soares

Secretário

Conselheiros Titulares

Albano A. de Alves

Antonio C. Godinho

Antonio de L. M. e Freitas

Décio C. do Prado Lima

Felippe C. F. da Câmara

Pedro L. da Cunha

Severiano Quinto

Sinval C. do Prado

Sissonmar T. de Azevedo

Túlio Bueno

Conselheiros Suplentes

Fernando M. Marques

José S. Cassepp

Antonio C. Tbnial

Antonio A. L. Dornelles

Ewaldo José L. Poeta

Alfredo J. Fernandes

José H. Arnholdt

DIRETORES

Antonio de Lisboa Mello e Freitas

Diretor-Presidente da Diretoria Executiva

Fernando Guimarães Pantoja

Diretor de Previdência

Marino David Bochi

Diretor Administrativo

Júlio César Fava

Diretor Financeiro

COORDENADORES

Ayrton Moraes Teixeira

Coordenador Executivo

Omar Lima Dias

Coordenador de Subsidiárias



PREFÁCIO



Gen Ex Aurélio de Lyra Tavares

Distingue-me o ilustre historiador, Coronel Cláudio Moreira Bento, Diretor do Arquivo Histórico do Exército, com a deferência de fazer-me o prefaciador desta sua pesquisa sobre a memória da canção militar brasileira. Inteiramente devotado, até mesmo por dever funcional, como pela vocação que lhe é própria, à preservação da memória do Exército, e já sobrecarregado por tantos afazeres nesse campo, é de admirar-se que ele tenha encontrado tempo para elaborar este magnífico trabalho, tanto pelo que ele representa em esforço de pesquisa, como em significação para a memória das Forças Armadas do Brasil que se mantém presente no ressoar dos acordes e compassos das canções do hinário e outros gêneros de músicas militares de épocas passadas, mas nem por isso esquecidas, como partes que continuam a ser da alma das nossas Forças Armadas que são tão eternas quanto a Nação.

Este livro resulta, como se vê, de um louvável trabalho de pesquisa, interpretação e texto, sobre um assunto a que é muito sensível a psicologia do soldado de vocação, despertada, para a carreira militar, desde menino, como foi o meu caso, ao longo de toda a carreira, desde aluno do Colégio Militar, onde nos orgulhávamos da nossa banda de música, toda ela composta de alunos. Era marcante a sua presença naqueles famosos desfiles no Campo de São Cristóvão, destacando-se nas arquibancadas a presença do Presidente da República e as mais altas autoridades oficiais, além da fina flor da sociedade carioca.

Para nós, o momento crucial em que estaria em jogo o brilho do nosso desfile era quando a banda de música do Colégio, até então marchando em silêncio, atingia o limiar do campo, já livre para a nossa entrada. Ali ela rompia o desfile, com o dobrado 220, que era o da sua preferência. O papel principal cabia, então, ao aluno caixa-surda, que punha a sua força para fazê-la vibrar bem alto, puxando o som dos tambores com que estrugiam, bem fortes, os acordes daquele inesquecível dobrado, ao som do qual o nosso entusiasmo crescia, estufávamos o peito, apurávamos o físico, na firmeza da cadência, enquanto oscilávamos os

braços, em movimento impecavelmente uniforme e enérgico, já muito ensaiado no Colégio.

São recordações que me acodem à memória com a leitura destas páginas, para mim sempre atuais e inesgotáveis, focalizadas neste livro pelo Coronel Cláudio Moreira Bento, com muita felicidade. É exemplo a ser seguido por outros escritores e militares, porque as fontes e a contribuição própria são inesgotáveis. Ele mesmo narra as suas emoções ao acompanhar, pela TV, o Hino Nacional cantado por toda a torcida brasileira que lotava o Maracanã, no dia 3 de setembro, durante o jogo Brasil x Chile, assim como, no dia 7 de setembro, transmitido de Brasília, num concerto em que primava o solista admirável e consagrado pianista Artur Moreira Lima, tudo do ano do Centenário da República Brasileira.

O Coronel Bento presta mais um relevante serviço à memória sentimental das Forças Armadas do Brasil com a reunião de tão expressivo acervo das músicas militares e canções, cuidadosamente selecionadas.

Emoções idênticas tivemos, longe do Brasil, na Campanha da África do Norte, em Oujda (Marrocos), onde estava instalado o QG do V Exército dos Estados Unidos, comandado pelo General Clark. Numa quinta-feira procurou-me, em seu nome, um Coronel, que desejava o modelo da Bandeira do Brasil, para a confecção de uma a ser hasteada, no domingo, em cerimônia de homenagem às Nações ali representadas. O Cap. Almeida de Moraes, meu companheiro, lembrou-se de que o tinha no forro do seu boné. Ao mostrá-lo ao Coronel, este, cheio de espanto com desenho e a legenda, viu que era impossível confecção ampliada, em prazo tão curto.



Por isso é que, presentes à solenidade, tivemos a grata e incrível surpresa de ver, naquelas motas paragens africanas, subindo ao mastro, a nossa Bandeira, pelas mãos de um velho oficial francês, já reformado. Ele morava no Brasil, onde fora condecorado. Depois, tudo se explicou. O General Clark exigiu a presença da Bandeira Brasileira na cerimônia. Ao saber disso, aquele velho oficial francês conseguiu mobilizar um grupo voluntário de enfermeiras francesas de guerra. Com o material necessário, fornecido pelo coronel americano, suas ordens foram cumpridas. E ele nos olhava, cheio de alegria, como se vê no retrato por mim publicado em livro.

A lembrança de tal episódio me ocorreu ao sabor e sob a inspiração da leitura deste magnífico livro do ilustre Coronel Cláudio Moreira Bento. Sinto que a alma de um velho soldado continua tocada pela sensibilidade que sempre lhe despertam, ao longo da carreira, as canções militares, o toque do Hino Nacional, o hasteamento da Bandeira; além de outras narrações, de que é muito rica a nossa vida militar. São pesquisas, como esta, sobre as nossas canções, que justificam a existência de textos próprios e exclusivos do estilo de soldados, na paz ou na guerra, dando lugar à existência, na literatura, de um gênero especial sob a denominação de Literatura Militar, diferente da História, porque nada tem de ciência e tudo tem de sentimento.

Congratulo-me com as Forças Armadas do Brasil pelo ressurgimento, depois de um tão longo vazio a que o assunto foi relegado, desta pesquisa do Coronel Bento sobre a memória da canção militar brasileira sob o patrocínio do nosso GBOEX, por iniciativa feliz de seu Presidente, Professor Antonio de Lisboa Mello

e Freitas. É que, como Diretor do Arquivo Histórico do Exército, o Coronel Bento bem sabe distinguir os documentos que devem ser preservados, por serem traços essenciais da história do nosso Exército, como fontes permanentes de consulta, no caso de dúvidas que venham a surgir, dos outros, que devem ser difundidos para sua constante renovação em publicações, como é o caso das canções militares, que têm o dom de trazer sempre viva a alma das próprias Forças Armadas do Brasil, que nelas ressoa e se mantém sempre vivas, na memória e no culto das gerações.

A. de Lyra Tavares

Membro da Academia Brasileira de Letras





INTRODUÇÃO

O presente estudo visa resgatar, embora parcialmente, a história da canção militar das Forças Armadas do Brasil. Assunto de magna importância, tem sido escassamente tratado na vasta Literatura Militar Brasileira.

Como canção militar — por vezes chamada canção marcial ou canção de guerra — serão tratados, genericamente, os hinos, marchas, dobrados, cânticos de guerra, canções, refrões, toques de cornetas e de clarins, os quais, desde a chegada da primeira tropa militar no Brasil, têm acompanhado o cotidiano do soldado brasileiro, animando-o no cumprimento de seus deveres, tanto na paz quanto na guerra.

Aqui se incluem, também, hinos patrióticos e canções religiosas e populares que fizeram o papel de canções militares ou de guerra propriamente ditas, falando alto à alma do bravo soldado brasileiro de terra, mar e ar.

Este estudo abordará, igualmente, as bandas militares. Constituem, além do canto, em instrumento fundamental para a execução da canção militar.

Homenageará o corneteiro e oferecerá ao leitor apreciável bibliografia sobre canções e bandas militares, além de indicar onde se encontram os principais acervos.

Esperamos que o assunto agora abordado, provavelmente em caráter pioneiro, provoque resgates mais profundos. É nossa intenção contribuir, embora de forma despojada e simples, para a preservação da Memória Nacional.

CANÇÃO MILITAR - definições

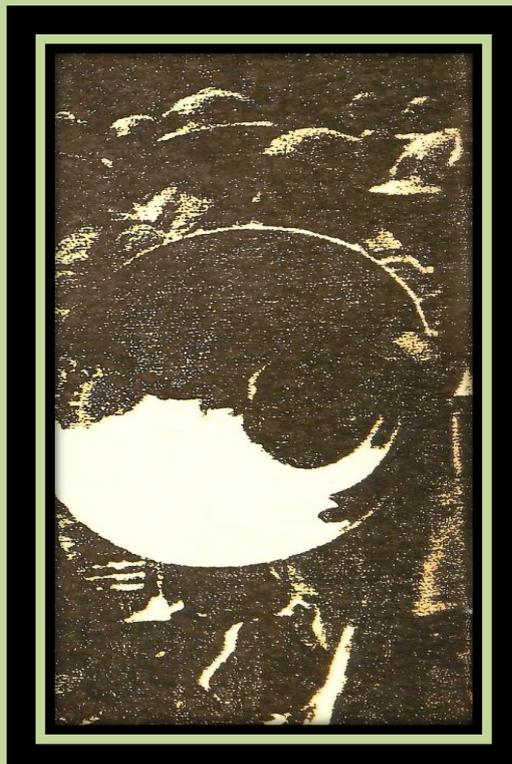
Através da Portaria Ministerial n° 342, de 9 de abril de 1987, o Exército define os termos canção militar, cântico de guerra e refrão. Assim, canção militar é “composição musical com características marciais, vinculada a uma instituição, organização militar ou tropa especializada, com características próprias, evocativa de seus feitos, tradições, missões, características ou anseios, destinada a emular virtudes militares”.

Já o cântico de guerra é “uma composição musical, sem vinculação específica com qualquer instituição ou organização militar, evocativa de feitos e tradições e anseios das armas brasileiras, destinada a emular sentimentos patrióticos e virtudes patrióticas”.

Por refrão entende-se “uma composição musical, com características marciais ou solenes, em que pode haver repetição de compassos, e destinada a estimular sentimentos patrióticos e a revestir de maior imponência os atos do Cerimonial Militar”.

O historiador e músico Monsenhor Shubert nos ensinou que o hino é uma composição musical solene com letra de louvor e que canção seria uma composição musical mais popular, com letra; dobrado é uma peça instrumental para banda; marcha designa uma composição musical de compasso quaternário, com letra, cadenciada destinada a acompanhar, às vezes, o deslocamento da tropa. Todas estas variações, quando ligadas a temas da vida castrense, adquiririam a adjetivação militar.





CANÇÕES MILITARES – reflexos na Doutrina Militar

As canções ou hinos de guerra têm sido, através dos séculos, um dos poderosos instrumentos para o desenvolvimento do campo da Doutrina Militar, chamado por uns de Motivação Militar e por outros de Forças Morais de Guerra. Bem aplicado e desenvolvido, faz com que o combatente encontre respostas adequadas, na Paz e na Guerra, para perguntas como “Por que preparar-me para a eventualidade de uma guerra?” e “Por que devo lutar? Ou morrer, se preciso for, em defesa da minha Pátria?”.

As canções militares ou hinos de guerra despertam o patriotismo e, com força invisível, impelem o militar ao cumprimento do seu dever.

É por esta razão que os exércitos investem muito neste setor, particularmente ao dotarem suas unidades com bandas ou seções de músicas de diversos tipos, ou ainda fanfarras, para executar ou acompanhar as canções quando cantadas. Seus efetivos atingem, por vezes, a cerca de 1/12 do efetivo real da unidade a que pertencem.

Este argumento, por si só, é eloquente ao enfatizar a importância da canção militar e de seu complemento, a banda que a executa.

Caracteriza bem a importância da canção militar no moral dos soldados o fato de as forças armadas de todos os países investirem em bandas de músicas, já chamadas, no passado, de “Harmonias” e “Músicas”.

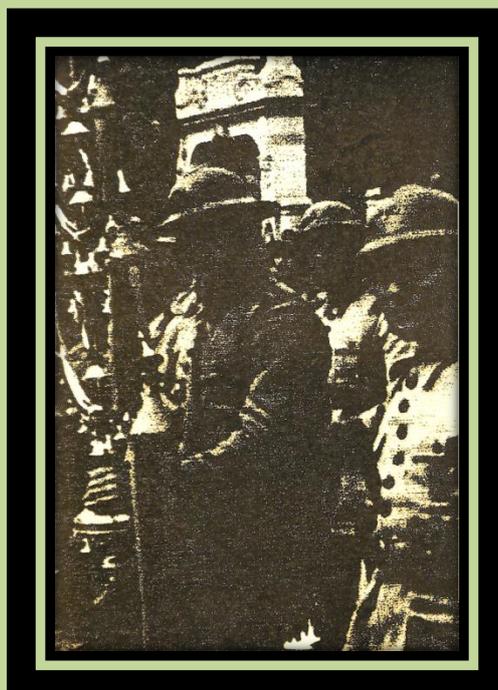
No caso das Forças Armadas do Brasil, a 1ª Seção do Estado Maior do Exército informa que o Exército, em 1989, possuía 71 conjuntos musicais, sendo 59 bandas de música e 12 fanfarras; a Aeronáutica, de acordo com seu Instituto Histórico e Cultural, contava na mesma data com 70 conjuntos musicais: 23 bandas de música, 4 seções de música e 43 bandas de corneta; a

Marinha, 16, sendo uma do tipo I (a do Comando de Apoio do Corpo de Fuzileiros Navais) duas do tipo II, sete do tipo III (caso da Esquadra) e seis do tipo IV, de acordo com o Boletim do Ministério da Marinha nº 15, de 19 de abril de 1979, classificação esta embasada na quantidade de instrumentos.

Reunidos, estes conjuntos musicais formam um contingente de cerca de 4 mil músicos militares.

O Exército, por exemplo, nos anos de 1987 e 1988, investiu cerca de um milhão e meio de dólares para adquirir 2.249 instrumentos musicais no Brasil, no Japão e no Panamá, conforme se conclui do Noticiário do Exército nº 7.802, o qual completa: “Vale este esforço. O retorno na forma de participação ativa no adestramento da tropa; da elevação do seu moral; da preservação de tradições históricas; de integração com a comunidade — vale qualquer sacrifício do Exército”.

Voltaremos em local próprio ao histórico da Banda Militar.



CANÇÃO MILITAR E O COMPORTAMENTO DO HOMEM

O Alferes Basílio Magno da Silva ao tratar, em 1933, da finalidade das canções militares em **A Defesa Nacional**, apresentou os seguintes conceitos sobre a influência da música militar no comportamento do soldado:

“Nenhuma atividade pode tirar da música maior proveito do que a atividade militar, à qual a música serve de refrigério de suas agruras naturais e de lenitivo à violência natural de suas realidades épicas... Pois a música, no caso a canção militar, fala aos sentidos, fala ao espírito e fala aos sentimentos.

Ela domina o físico abrandando ou excitando as vibrações nervosas; ativa a inteligência, excitando a imaginação, desenvolvendo-lhe a capacidade de abstrair. Ela adormece, acalma e exalta, até o mais elevado estado de entusiasmo...”

Mário Clementino, ilustre jovem turco de **A Defesa Nacional**, consciente da influência da canção militar no comportamento do soldado, preconizava que ela devia tirar partido dos momentos de heroísmo, de alegria, de entusiasmo e até de depressão. No último caso a canção militar seria usada para sustentar as forças morais e manter a coragem, mesmo nos momentos mais críticos da vida militar.

Para o prezado mestre, General Jonas Correia, autor, em 1921, como aluno da Escola Militar, da letra da Canção da Engenharia, em parceria com sua então noiva e mais tarde esposa D. Valmirina Correia, “a canção militar é um ali mento para o espírito militar e estimulador da alma do soldado”.

Ilustremos esta influência com alguns exemplos históricos.

A canção militar, sob a forma de hino de guerra, foi assim caracterizada por Mariza Lira em **Canções Militares**: “O culto dos hinos épicos na Hélade vinha do berço. As gregas acalentavam os filhinhos ao som de canções guerreiras. O canto de guerra sempre exerceu um grande domínio sobre o povo”. E prossegue, mais adiante: “Num banquete real oferecido a Átila, o rei dos Hunos, o bardo Euckíseo, acompanhado de dois gépidas, cantou os feitos guerreiros de sua nação com tal entusiasmo que grande parte da assistência, em delírio, pedia guerra”.

Sobre o poder exercido pela música militar no ânimo dos soldados temos o seguinte testemunho de Quintino Bocayuva, líder civil da Proclamação da República, ao referir a transformação anímica do Marechal Deodoro, bastante abatido pela doença, em 15 de novembro de 1889, ao assumir o comando da 2ª Brigada do Exército e da Escola Superior de Guerra, com as quais deporia o Gabinete do Visconde de Ouro Preto.

No Mangue, Deodoro encontrou-se com a força vinda de São Cristóvão.

“Deodoro, eu soubera de véspera — estava com o peito que era uma chaga, incapaz de apanhar um chinelo. Entretanto, procurado em meu nome, fez um esforço sobre-humano, fardou-se, pediu um carro e saiu pela manhã para São Cristóvão.

No Mangue encontrou-se com a força e, então, aquele homem quase morto transfigurou-se ao som marcial dos clarins!

Saltou do carro, tomou o cavalo de um oficial e pôs-se à frente da tropa para comandar a vitória”. (**Idéias políticas de Quintino Bocayuva**).

Mercedes de Moura Reis em **A Música Militar no Brasil no Século XIX**, ressaltou “o importante papel que a canção militar sempre desempenhou no comportamento militar, estimulando ou enaltecendo os nossos soldados e acompanhando-os nos campos de batalha. Cada etapa de nossa história, cada luta, cada vitória se acha perpetuada nas páginas de uma canção militar”.

E esta autora, na obra citada, dá exemplos de canções militares inspiradas por fatos ocorridos ao longo do processo histórico brasileiro.

Sabedores da poderosa influência da música militar no ânimo dos soldados foi que os generais brasileiros que comandaram os brasileiros nas batalhas de Curuzú, Curupaiti e Avaí, na Guerra do Paraguai, fizeram com que as bandas de música dos nossos batalhões “... tocando fossem à frente da tropa para animá-la moralmente e exaltar seu patriotismo”, segundo depoimento pessoal do escritor gaúcho Fernando Batista, autor do livro sobre Madame Elisa Linch, esposa do Marechal Solano Lopes.

MARSELHESA – A mais famosa canção militar mundial

A mais famosa canção militar jamais composta foi a Marselhesa. De autoria, em 1792, do major de Engenheiros Claude Joset Rouget de Lisle, da Guarnição de Estrasburgo, destinou-se inicialmente a animar o moral dos soldados do Exército do Reno, da França, frente ao Exército da Áustria. Em 1795, soldados de Marselha entraram em Paris cantando-a. A impressão que causaram foi tão forte que, de canção militar ou canto de guerra, transformou-se em Hino Nacional da França. Agora, nas celebrações do Bicentenário da Revolução Francesa e no contexto da Declaração dos Direitos do Homem, foi a parte central e culminante dos festejos, cantada pela norte-americana Jessy Norman, de raça negra, vestida com um manto feito das cores do pavilhão nacional francês.

Hoje a Marselhesa serve tanto como cântico militar quanto hino nacional. Seu poder de comunicação é tão forte que contagia com os sentimentos de patriotismo e amor à liberdade todos os não franceses que a ouvem.

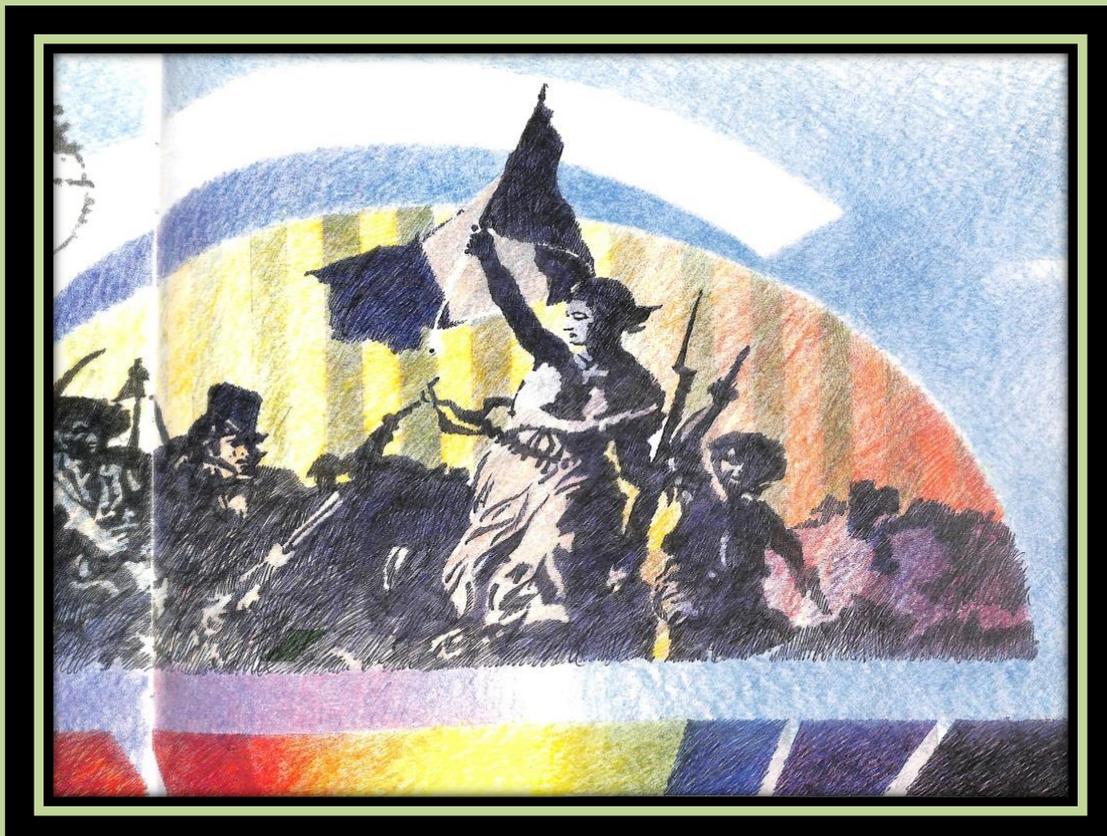
Portanto, o major Rouget de Lisle teve uma inspiração de extrema felicidade.

Na Revolução Francesa, os exércitos franceses, baioneta armada e cantando a Marselhesa, rompiam as linhas adversárias e os seus generais, sem manobras sábias, apenas progredindo atrás dos enxames de atiradores, atacavam em massas profundas.

Segundo Humberto Castro Fossa “cada nação possui o seu hino, o seu cântico em honra da pátria, a exaltação da sua grandeza e das suas glórias. Mas, um deles, o Hino Nacional francês — Marselhesa, durante a 2ª Guerra Mundial, cujo cinquentenário de início ocorreu em 1º de setembro de 1989, se projetou além das fronteiras francesas, não só enaltecendo o valor espiritual da França como também retemperando o ânimo dos povos” que lutavam pela Democracia e pela Liberdade Mundial, entre eles os brasileiros integrantes de nossa Força Expedicionária (FEB).

Foi então o canto de guerra da Democracia e da Liberdade, a primitiva canção de guerra do Exército do Reno, na imortal criação do major Rouget de Lisle.

A Marselhesa, junto com a canção Amor Febril, hoje Canção do Exército, eram as únicas músicas que meu saudoso pai Conrado Ernani Bento sabia assobiar e cantarolar e isto em momentos de grande euforia e felicidade. Foram, pois, as primeiras músicas que tomei conhecimento na infância e aprendi em minha terra natal-Canguçu-RS, na Serra dos Tapes, nos anos 30.



HINO NACIONAL COMO CANÇÃO MILITAR

O Hino Nacional Brasileiro, desde a Abdicação de D. Pedro I, em 7 de abril de 1831, acompanhou e motivou nossos soldados nos campos de batalha até pelo menos a Guerra de Canudos.

Foi a República que o consagrou como expressão máxima da Nacionalidade.

O Hino Nacional teve duas letras antes da atual. Ele foi tocado pela primeira vez no Campo de Santana, por ordem do Brigadeiro Lima e Silva, pai do futuro Duque de Caxias, após a Abdicação de D. Pedro.

Com a Proclamação da República, o Hino Nacional foi proscrito por um ano, até exatamente 15 de novembro de 1890, primeiro aniversário da República, festejada no Palácio Itamarati, então sede do Governo Federal.

O major Inocêncio Serzedello Correia pediu a palavra e dirigiu-se ao generalíssimo Manoel Deodoro da Fonseca, a quem apelou para que “o Hino Nacional, continue a ser o hino do Brasil, por não ligar-se ao Império e ser a expressão harmoniosa da nação”.

A sua proposta teve aprovação unânime e a banda do 23º Batalhão de Infantaria (atual 10º BI Mtz de Juiz de Fora) e outra da Armada (Marinha) tocaram o Hino Nacional, conforme reportagem do Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, de 16 de novembro de 1890.

Sobre o Hino Nacional como canção de guerra, o ilustre jovem turco Mário Clementino, que estudamos em “Reunião do Clube Militar para a fundação de A Defesa Nacional” (nº 715, 1984) e que foi professor de História Militar na Praia Vermelha e autor de preciosa obra sobre o assunto, além dos antológicos primeiros editoriais de A Defesa Nacional, em 1913, forneceu-nos precioso testemunho quando viajava no litoral de Pernambuco, ao tempo da Revolta na

Armada (Esquadra) de 1893-1894, no couraçado “Niterói”, armado por Floriano Peixoto, nos E.U.A., e guarnecido por 600 homens (marujos americanos, alunos da Escola Militar do Ceará e oficiais e marinheiros brasileiros) dos quais 300 eram americanos.

“De repente, para terminar uma noite musical, um flautista da guarnição brasileira levantou-se e tocou o Hino Nacional Brasileiro. Todos se puseram de pé e ouviram-no recolhidamente. No fim, as palmas dos americanos estrugiram. Mas quando as palmas se abateram, uma comoção inteiramente imprevista para nós, nos tocou profundamente.

A guarnição americana, de pé e unânime, cantava o seu Hino Nacional”.

Após a rendição de Canudos, em 5 de outubro de 1897, o general Artur Oscar reuniu todas as músicas (bandas) da expedição que executaram no campo do cruento combate o Hino Nacional, demonstrando assim ser costume o canto do hino em campanha, como canção de guerra.

A música do Hino Nacional foi oficializada pelo Decreto nº 171, de 20 de janeiro de 1890. A letra atual, de Osório Duque Estrada, da Academia Brasileira de Letras, só foi oficializada pelo Decreto nº 15.071, de 6 de setembro de 1922.

Sobre sua história oferecemos nas fontes, preciosas indicações ao leitor interessado.

Mas deixamos para o final esta página imortal do Visconde de Thunay, em suas Memórias, que evidenciou a força do Hino Nacional como canção de guerra e aqui descrita por Pedro Calmon em testemunho sobre o valor das bandas a Zair Cansado, grande entusiasta e estudioso do assunto.

“Foi na Retirada de Laguna, em campo paraguaio. A tropa inimiga cerca o batalhão brasileiro dizimado, que se retirava. No centro da linha de defesa se coloca a Banda de Música. Vai irromper a Cavalaria inimiga, numa carga desabalada. Dir-se-ia perdida a nossa gente. Eis que aquela Banda de Música, inspirada por um sentimento alto de civismo, os músicos com os olhos postos no azul do céu, os instrumentos ressoam, tocam o Hino Nacional e é tal — descreve Thunay — a eletricidade que percorre os nervos, o entusiasmo que sacode as almas, toda a paixão que deriva daquele caso magnífico, que a tropa brasileira rechaça a investida adversária. Quer dizer, é a Banda de Música Militar, posta no altar do Brasil, em comunicação com as forças eternas que constituem a poesia e grandeza de nosso povo”.

Este é um depoimento do mestre Pedro Calmon de estímulo ao magnífico trabalho de divulgação de bandas militares que Zair Cansado realizava, como grande contribuição à cultura musical nacional.

Aqui não podemos deixar de assinalar duas recentes emoções proporcionadas pelo Hino Nacional: vê-lo cantado pela TV, em 3 de setembro de 1989, por toda a torcida brasileira que lotava o Maracanã na histórica partida Brasil-Chile e, em 7 de setembro, transmitido de Brasília, vídeo-clip pela TV, em concerto magnífico do maestro Artur Moreira Lima.

HINO NACIONAL BRASILEIRO

(7 de Abril)

Letra atribuída ao Dr. Ovídio Saraiva de Carvalho
Música de Francisco Manuel da Silva

*“Os Bronzes da tirania
Já no Brasil não rouquejão:
Os monstros, que o escravizavam,
Já entre nós não vicejão.*

*Da Pátria o grito
Eis te desata;
Desde o Amazonas,
Até ao Prata.*

*Amanhece finalmente
A liberdade ao Brasil...
Ah! não desça à sepultura
O dia Sete de Abril.”*

Nota: Foi esta a primeira letra com que se cantou a música de Francisco Manuel da Silva. Respeitou-se a grafia da época (1831).

HINO NACIONAL BRASILEIRO

Letra alusiva à Coroação de D. Pedro II
Música de Francisco Manuel da Silva

*“Quando vens, faustoso dia,
Entre nós raiar feliz, Vemos só na liberdade
A figura do Brasil.*

*Negar de Pedro as virtudes,
Seu talento escurecer,
É negar como é sublime
Da bela aurora o romper.*

*Exultai, brasílio povo,
Cheio de santa alegria, Vede de Pedro o retrato
Festejado neste dia.*

Estrilho

*Da Pátria o grito
Eis se desata
Do Amazonas
Até ao Prata.”*

O Hino Nacional Brasileiro, desde a Abdicação de D. Pedro I, em 7 de abril de 1831, acompanhou e motivou nossos soldados nos campos de batalha até pelo menos a Guerra de Canudos.

Foi a República que o consagrou como expressão máxima da Nacionalidade.

O Hino Nacional teve duas letras antes da atual. Ele foi tocado pela primeira vez no Campo de Santana, por ordem do Brigadeiro Lima e Silva, pai do futuro Duque de Caxias, após a Abdicação de D. Pedro.



UMA ANTIGA CANÇÃO DO EXÉRCITO

Talvez a mais antiga canção militar em uso no Exército Brasileiro, desde os tempos coloniais até o final do Império, tenha sido a canção a Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Exército Imperial, conhecida como Canção do Soldado, segundo o general Raul Silveira de Mello.

Conta a propósito o grande cronista general Dionísio Cerqueira, em suas **Reminiscências da Guerra do Paraguai**, que na vigília do dia 24 de maio, após a vitoriosa batalha de Tuiuti, “ao toque de recolher ... todos os corpos formaram. Depois da chamada, os sargentos puxaram as companhias para a frente da bandeira e rezou- se o Terço. Algumas praças, os melhores cantores, entoaram com voz vibrante, sonora e cheia de sentimento, a velha oração do soldado brasileiro: Óh! Virgem da Conceição...

As músicas de 40 batalhões acompanhavam expressivas aquela grande prece ao luar, rezada tão longe dos lares queridos”.

O citado general Silveira de Mello afirmou “... que antes mesmo do advento do Hino Nacional, a Canção de Nossa Senhora da Conceição era a balada de fé dos nossos avoengos, a nossa canção de guerra”.

Esta canção era entoada por todos os soldados do Exército, aquartelados após a revista do recolher.

A música e letra são reproduzidas em **Música Militar do século XII** por Mercedes de M. Reis e pelo **Cancionário da Força Expedicionária**.

Paula Cidade, em “O Terço e as Ladainhas”, reconstitui a letra com apoio

em sua sogra D. Corina, nome que daria a sua filha mais moça, Corina, esposa do Ministro do S.T.M. Haroldo Ericksen da Fonseca.

Paula Cidade refere que com a República “Deus foi proibido de entrar nos quartéis, qualquer que fosse a religião que o invocasse. Os crucifixos foram descidos das enfermarias e hospitais”.

O movimento de restabelecimento da fé cristã, hoje vitorioso nos quartéis, foi iniciado em 1923 no 4º BE Cmb em Itajubá, pelo gaúcho major Raul Silveira de Mello, conforme seu depoimento no Instituto de Geografia e História Militar, em 1983, sob o título “Aconteceu há sessenta anos atrás”. O texto, a nós dirigido, retribuiu a homenagem do 4º BE Cmb que acabáramos de comandar, e que denominara sua biblioteca de “General Raul Silveira de Mello”, quando este completou um século.

O HINO NA GUERRA DO PARAGUAI

O autor do Hino Nacional, Francisco Manuel da Silva, compôs o Hino de Guerra com letra do Dr. Antônio José de Araújo. Serviu de canção de guerra aos combatentes da Guerra do Paraguai.

Segundo informa Melo Moraes Filho, em **Fatos e Memórias**: “Contavam os soldados brasileiros vindos da Guerra do Paraguai (1865-70) que, na frente das linhas de fogo, um velho vestido de preto, chapéu alto enterrado na cabeça, de gravata enrolada no pescoço e colarinhos a tocarem-lhe os lóbulos das orelhas, animava os esquadrões e as brigadas, difundia o entusiasmo pelas aguerridas falanges. E, ao estrugir de suas vozes, os batalhões avançavam, feriam prélios estupendos, arrebatavam estandartes, fincavam bandeiras vitoriosas... E sabeis quem era esse general sem bordados, que abafava com os clangores marciais de sua garganta os brados de todos os comandados, as blasfêmias dos vencidos, o troar de toda a Artilharia — Eu vos digo, porque os soldados brasileiros me disseram: — Aquele general fantasma, aquele velhinho patriota que sempre seguia na frente era o Francisco Manuel da Silva”.

A música e letra deste então famoso hino de guerra foram divulgados por Mariza Lyra em **Cânticos Militares**.

Francisco Manoel da Silva, o autor da música do Hino Nacional e da Canção da Guerra do Paraguai, já havia falecido, aos 70 anos, em 18 de dezembro de 1865, no primeiro ano da Guerra do Paraguai.

Ele era natural do Rio de Janeiro. Foi músico notável e compositor. Era muito apreciado por D. Pedro I. Foi o fundador e presidente da Sociedade Beneficente de Música, em 1833. Foi nomeado mestre da Capela Imperial em 1841. Presidiu o Conservatório de Música e foi sócio fundador da Sociedade Philarmônica. Sacramento Blake o estuda em seu **Dicionário**, além de enumerar sua obra musical e, particularmente, o Hino Nacional Brasileiro, que há mais de século e meio tem animado o moral e alimentado o patriotismo dos brasileiros e, inclusive, tem servido como canção militar para seus soldados, marinheiros e aviadores, conforme o comprova a História.

A CANÇÃO DA VIVANDEIRA - histórico

Na Guerra do Paraguai foi muito cantada a canção de guerra “A Vivandeira”, que é publicada na História do Exército Brasileiro.

Vivandeira era a designação das mulheres que acompanhavam as tropas em campanha, sob qualquer pretexto.

Segundo Dionízio Cerqueira, em **Reminiscências da Guerra do Paraguai**,

“essas mulheres que seguiam o Exército, não tinham medo de coisa alguma. lam as avançadas mais perigosas levar a bóia (alimento) dos maridos. Nas linhas de atiradores que combatiam encarniçadas vi-as mais de uma vez achegarem-se dos feridos, rasgarem as saias em atadeiras para lhes estancarem o sangue, montá-los na garupa dos seus cavalos e conduzi-los, no meio das balas, para os hospitais. Algumas trocavam as amazonas por bombachas nos dias de combate, e as pontas de suas lanças formavam os salientes nas cargas de seus regimentos”.

O grande historiador pernambucano Pereira da Costa assim escreveu sobre esta canção em **Folclore Pernambucano**: “... dela ainda nos recordamos com gratíssimas e saudosas reminiscências de nossa infância”.

CANÇÕES DA MARINHA

Sua origem hoje é imprecisa. Uns dão-na como proveniente de Portugal, em 1856, com letra de Luiz Augusto Palmerin e música de Antônio Luiz Miró. J. N. Souza e Silva atribui a música ao brasileiro Januário da Silva Arvelhos.

Mariza Lyra a publica em sua obra **Cânticos Militares**.

A principal canção da Marinha, ou canção do Marinheiro, ainda não oficializada, é o **Cisne Branco**. A música é do primitivo dobrado “Sargento Calhau” do inspirado músico do Exército, mestre Antonino Manoel do Espírito Santo. A letra, inicialmente chamada **Garcinha Branca**, foi composta em 1916, no Quartel de Marinheiros na ilha de Villegagnon, desde 1938 sede da Escola Naval, pelo capitão-tenente Francisco Dias Ribeiro, pai do general Rubem Continentino Dias Ribeiro, conforme documentos no Serviço de Documentação Geral da Marinha.

O capitão Dias Ribeiro faleceu no ano seguinte, em 27 de novembro de 1917, vítima de um acidente de bonde na rua do Matoso. Era natural de Sobral — Ceará.

Do autor da música, com apoio na interpretação de diversos dados esparsos disponíveis, pode-se dizer:

Mestre Antonino Manoel do Espírito Santo (1884 1913). Nasceu em Salvador — Bahia, em 10 de maio de 1884. Era filho de pais humildes. O pai era baiano e a mãe alagoana de Palmeira dos Índios. Aos 7 anos ficou órfão. Foi amparado como aprendiz de música do Arsenal de Guerra do Exército, em Salvador. Aprendeu música também em furtivas visitas ao Mosteiro de São Francisco. Aos 15 anos, em 1899, compôs o seu primeiro dobrado, **Palmeira dos Índios**, em homenagem à terra de sua mãe.

Aos 21 anos passou a ser mestre do 50º Batalhão de Caçadores do Exército, em Salvador, função que desempenhou até sua morte, em 1913, aos 29 anos. O acervo desta Unidade encontra-se com o 28º BI Mtz de Vitória — Espírito Santo.

Portanto, o mestre Espírito Santo foi amparado, criado e educado pelo Exército. Deixou abundante produção musical e 220 dobrados entre eles **Avante Camaradas, Bombardeio da Bahia, Sargento Caveira e Quatro Dias de Viagem**, muito populares e executados por bandas militares e civis.

A letra do **Cisne Branco** foi iniciada por seu autor em 1913, quando viajava a bordo do navio- escola “**Benjamin Constant**” em viagem de instrução. Do belo repertório de canções da Marinha destacamos **Sentinela dos Mares** e **Esperança da Armada**, respectivamente canções da Escola Naval e do Colégio Naval, ambas com letra e música do inspirado Luiz Felipe de Menezes,

também autor da letra e música das canções **Viva a Marinha** e **Cadetes do Ar**. Destacamos também **Na Vanguarda**, música do tenente Luiz Cândido Silveira e letra do professor João Camargo e canção dos Fuzileiros Navais e mais **Glória aos Fuzileiros** do tenente José B. de Souza; **Fibra de Heróis**, música do maestro Guerra Peixe e letra de Teófilo de Barros Filho; **Brigada Jacinto**, música de J. V. Barros; **Mulheres em Armas**, letra e música da 2ª Ten (QAO) Sylvia Souza da Costa e **Adeus a Escola Naval** de Júlio Monteiro.

Outras canções são guardadas pelo rico acervo da Companhia de Bandas do Corpo de Fuzileiros Navais na Ilha das Cobras.

É uma feliz coincidência que a canção da Marinha seja da autoria de um filho de seu irmão o Exército.



CANÇÕES DO EXÉRCITO

Desde 20 de janeiro de 1976 que, pela Portaria Ministerial nº 88, o Exército consagrou, como sua canção, a antiga **Canção do Soldado**, “que vinha aglutinando civicamente as sucessivas gerações de militares, contribuindo assim, para manter em alto nível, o moral do pessoal da Força Terrestre...” E acrescentaríamos também o patriotismo da sociedade civil, no seio da qual era muito conhecido e cantado como “**Amor Febril**”, desde a 1ª Guerra Mundial, no contexto do grande surto de civismo estimulado pela Liga da Defesa Nacional.

O nome original da Canção do Exército, revigorada pela Portaria Ministerial de nº 72, de 22 de janeiro de 1986, era o dobrado “Capitão Cassulo de Melo”, de autoria de Theófilo Magalhães, segundo Zair Cansado, e letra do major Alberto Augusto da Silva.

Ela era tão conhecida no Exército antes de ser adotada como **Canção do Exército** que o Anedotário Militar de terra registrou a seguinte estória:

“Contam que durante uma inspeção de comando em um Pelotão de Fronteira, constituído de índios e descendentes, num remoto local da Fronteira de Mato Grosso, o inspecionante determinou ao comandante gaúcho do Pelotão:

— Mande seus soldados cantarem a canção **Amor Febril!**

— O sargento falou — Atenção cantemos a canção **Amor Febril**. Um, dois, três — silêncio! Mutismo geral!

— Segunda tentativa — Atenção Pelotão, cantemos a canção **Amor Febril**. Um, dois, três — silêncio... Mutismo geral...

O inspecionante interrompeu e concluiu:

— Lamento que seus subordinados não conheçam a canção **Amor Febril!**

O comandante do Pelotão, nervoso, ponderou:

— Eles sabem sim senhor e vou provar!

Atenção indiada buena, o que é que nós somos?

E todos, cantando em coro, responderam:

— Nós somos da Pátria a guarda

Fiéis soldados,

Por ela amados.

Nas cores de nossa farda

Rebrilha a glória

Fulge a vitória.

Lamentavelmente nada se sabe da vida do autor dessa bela música que, segundo o autor da letra, “deve lembrar sempre ao soldado do Exército que para ele e acima de tudo deve pairar bem alto e enobrecido seu amor à Pátria”.

A **Canção do Exército**, então com o nome de “Capitão Cassulo”, teria chegado ao Rio em 1917, depois de ouvida no navio-escola “**Benjamin Constant**” de nossa Marinha e, em Belém, tocada pela banda da Força Pública do Pará, à qual pertencia um capitão Cassulo e o seu autor Theófilo Magalhães.

Em conclusão, foi o navio-escola “**Benjamin Constant**” que, em 1917, trouxe para o Rio a **Canção do Exército**, apanhada de ouvido pelos músicos fuzileiros navais Erasmo Claudino e Constantino Bezerra, segundo a **Âncora** (128, de 1961).



Entre outras canções muito difundidas no Exército, registramos: **Academia Militar**, do capitão Inf. Antônio Pádua Vieira da Costa; **Canção do Infante**, letra de Hildo Rangel e música de Thiers Cardoso; **Canção da Cavalaria**, de autoria desconhecida e **Soldados da Cavalaria**, com música do famoso dobrado **Saudade de Minha Terra**; **Canção da Artilharia**, com letra do general Jorge Pinheiro e música de Bahn, adaptação da canção da Infantaria da Alemanha; **Canção da Engenharia**: uma, que vigorou de 1921 a 1961, de autoria do então aluno Jonas Correia (letra) e de sua noiva Valmirina, pais do general do Exército Jonas de Moraes Correia Neto; outra, a oficial, adotada a partir de 1961, cuja letra é de autoria do acadêmico general de Exército Aurélio de Lyra Tavares, música do cadete Hildo Rangel (1919), memorizada pelo general Floriano Machado e completada pelo 1º Sgt Contramestre Sebastião Moreira do Prado, com arranjo do 1º Sgt Paulo de Paula Pimentel. Existem mais as canções do **Pontoneiro** e do **Sapador Mineiro**, cujas letras são do então 2º Ten Aurélio de Lyra Tavares, nosso ilustre prefaciador. A música do **Pontoneiro** é de autoria desconhecida e a do **Sapador Mineiro** é de Juvêncio Júnior.

A **Canção da Intendência** é de autores desconhecidos; a **Canção das Comunicações** tem letra do coronel Aluízio Pereira Pires e a música é do dobrado **Brasil Eterno**, de Abdon Lyra; a **Canção do Material Bélico**, com letra do cadete Bernardo S. Silva Filho e música do 2º Ten Leopoldo G. de Oliveira.

A **Canção do Serviço de Saúde** tem letra e música de José dos Santos Rodrigues e a da **Veterinária**, letra de A. Bastos Dias e música de Oziris do Nordeste.

Outras canções em uso no Exército podem ser obtidas nas indicações bibliográficas ou através do Arquivo Histórico do Exército, que vem desenvolvendo este assunto.

Aqui não pode deixar de ser mencionada a **Canção do Expedicionário**, com letra de Guilherme de Almeida e música de Spartaco Rossi.

Aliás, esta canção não foi de domínio público no âmbito da FEB. Foi cantada por coros. Eu mesmo a aprendi no Brasil, em 1945, no Ginásio Gonzaga, de Pelotas. Pertencia ao coral dos pensionistas dirigidos por irmão de um expedicionário que ensaiava no palco uma recepção ao combatente, tendo por cenário, ao fundo, um vapor cheio de soldados chegando ao Brasil. O espetáculo não chegou a ser encenado. Mas ali acompanhei o dia-a-dia de nossos pracinhas expedicionários.

Falando com diversos expedicionários eles recordam que eram muito cantadas as músicas **Lili Marlene** (alemã) e a **Mama** italiana. Expressões das saudades da namorada e da mãe. A canção cantada pela FEB era a **Deus Salve a América**.

Cada Arma eventualmente cantava a sua canção. A **Lili Marlene** se internacionalizou. Os brasileiros dela fizeram paródia que é publicada no último livro da Major Elza C. Medeiros.

Para animar a FEB, a 1ª DIE levou sua banda que tocou em diversas ocasiões e, particularmente, no almoço da vitória em Alexandria.

Na época da Revolução da Esquadra, Mário Clementino, em **A Defesa Nacional**, mencionou uma canção popular entre os soldados, chamada **Manero Pau**, cujo resgate ele não conseguiu fazer.

Na FEB, entre os soldados católicos, era muito usual a canção religiosa **Eu confio em nosso Senhor** e particularmente entre os soldados mineiros, muito religiosos.

CANÇÕES DA AERONÁUTICA

A canção oficialmente chama-se **Hino dos Aviadores Brasileiros**. Sua música é de autoria do tenente João Nascimento, com letra do capitão aviador Armando Serra de Menezes.

Ela foi regulada e oficializada pela Portaria nº 1477/GM-3, de 20 de dezembro de 1982.

O **Hino dos Aviadores** foi composto em 1935 e sua primeira execução teve lugar em 13 de novembro de 1935, no Ninho das Velhas Águias do Brasil, a Escola de Aviação Militar do Exército, no Campo dos Afonsos. Então, a aviação pertencia ao Exército.

O tenente Nascimento nasceu em Ribeirão Preto, São Paulo, em 1896. Iniciou em 1910, na banda de Cravinhos, São Paulo, como pistonista. Ingressou no Exército no 43º BC, também em São Paulo, sendo, em 1924, promovido a 1º sargento Mestre de Música e transferido para o 5º BC de Rio Claro, São Paulo, onde passou a atuar como mestre de banda.

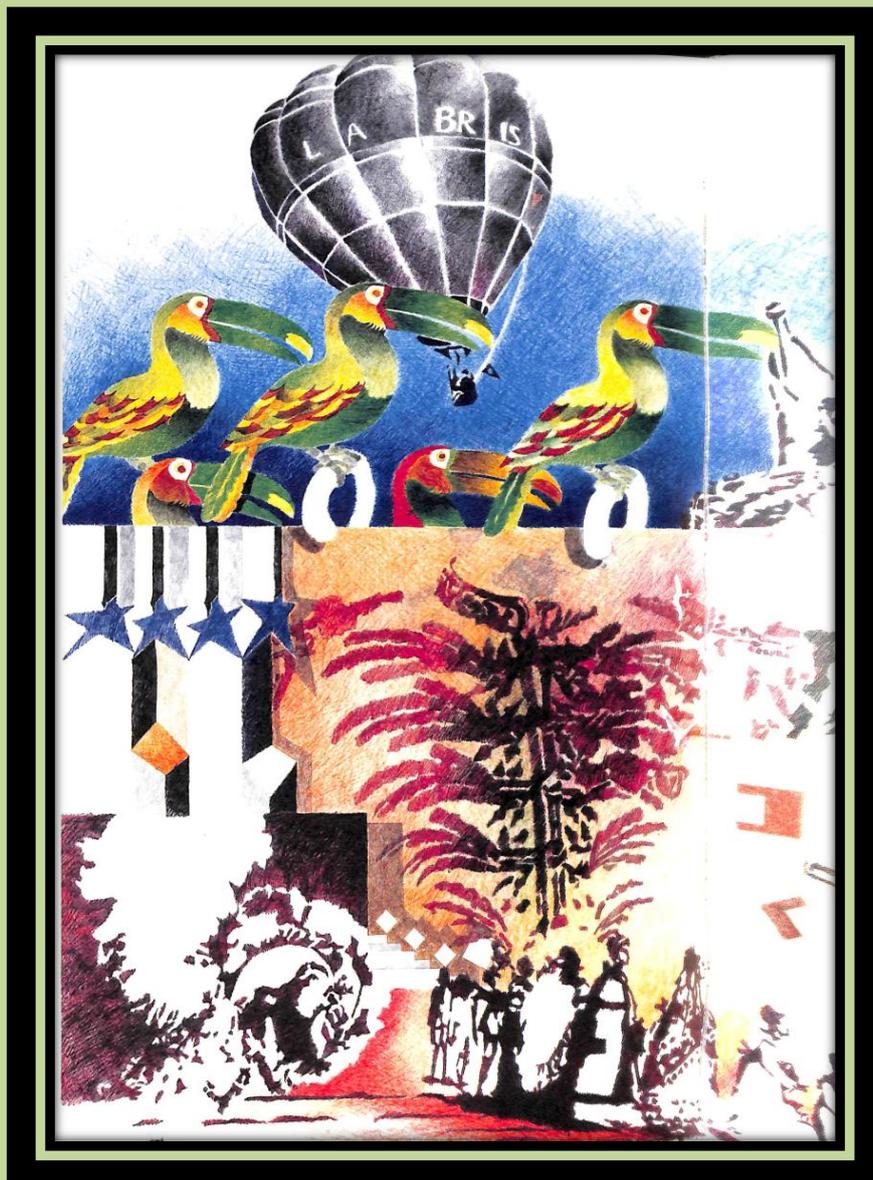
Esteve fora do Exército, como revoltoso do 5º BC, de 1924 a 1930. Retornou ao Exército e foi revolucionário de 1932. Mandado para o Rio de Janeiro, foi designado organizador da banda de música da Escola de Aviação Militar do Exército.

Em 1941 diplomou-se pela Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil. Criado o Ministério da Aeronáutica, neste ano, e mais a Banda Sinfônica do Cadete do Ar, foi escolhido para dirigi-la.

Foi Diretor e Chefe das Bandas de Música da Força Aérea Brasileira.

Em 13 de novembro de 1975, editou instrumentação em Fá Maior para

canto do **Hino dos Aviadores**.



Instrumentou o Hino Bandeirantes do Ar e compôs a marcha dos **Aviadores Brasileiros** e, segundo Zair Cansado, o dobrado **General Manoel Rebelo** e a marcha **Asas de Prata**.

O compositor da letra foi o então capitão-aviador e brigadeiro do Ar em 17 de dezembro de 1958, Armando Sena de Menezes.



CANÇÕES MILITARES E SEUS AUTORES

Uma das formas mais usuais de difusão da música militar é através das bandas militares, conjuntos musicais de instrumento de sopro e de percussão.

As bandas militares foram criadas para, com o ritmo marcial de suas canções, excitar o moral dos soldados e encorajá-los no combate ao despertar o espírito guerreiro.

Modernamente, destinam-se a cadenciar as marchas das tropas e a induzir nas mesmas marcialidades, garbo e vibração militar. Frederico II — o Grande, teria sido o introdutor da banda militar, com duas finalidades: através da Marcha Compassada, para estimular o guerreiro durante o combate; e, na Marcha Militar, para cadenciar os deslocamentos (marchas e desfiles).

As bandas militares não só executam peças militares como também outras próprias para concerto e do gosto popular, servindo, assim, complementarmente, de eficaz elo de integração da tropa com a comunidade civil.

A BANDA DE MÚSICA MILITAR - Um pouco de História

A primeira Banda Militar teria sido criada na França, por volta de 1764. Em 1789, por ocasião da Revolução Francesa foi criada a Banda Militar da Guarda Nacional daquele país.

As expressões bandas e fanfarras foram de início confundidas entre si. A primeira inicialmente possuía 45 instrumentos e a segunda 30 instrumentos, surgindo aí uma terceira denominação, a de charanga, com número incerto de instrumentos.



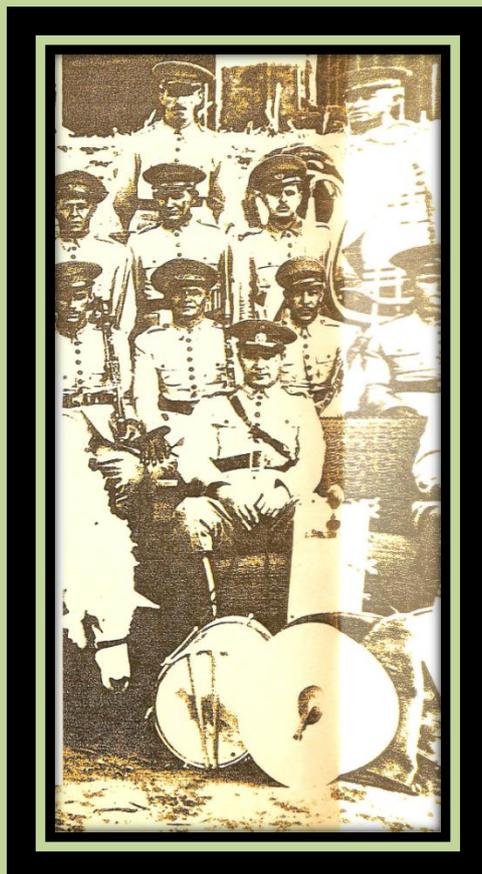
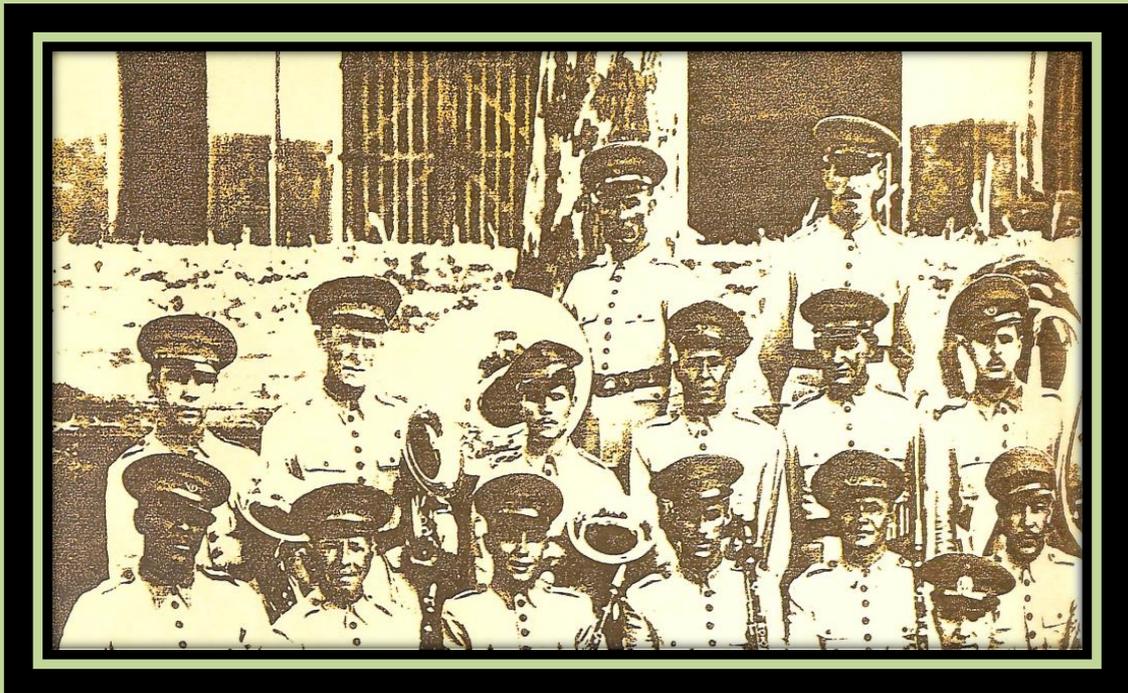
Segundo Zair Cansado “Napoleão Bonaparte criou a Academia de Música Militar, visando a formação de bandas para os regimentos da França, então, na culminância da glória e da fama Academia que veio a se transformar no atual Conservatório Musical de Paris”. E prossegue “A Banda Militar difundiu-se rápido e além de finalidades militares pensaram usá-la com fins político-sociais, religiosos, sentimentais e cívicos...”

Sobre a Banda Militar e sua influência psico social assinala o jornalista e radialista citado:

“Nas mais longínquas paragens brasileiras, hoje, nas fronteiras, no meio da selva e em to dos os quadrantes do território pátrio, encontra mos uma unidade militar, e nela uma Banda Militar! E os acordes dessas bandas marcam fundo na tropa! As músicas que elas tocam ficam para sempre na lembrança do soldado, do sargento, do capitão, do major, do coronel. São as canções militares que emolduram a vida militar! Passam se os anos e elas permanecem marcantes. Algumas dessas canções militares são tocadas há 60 anos. E quantos não as ouvem com lágrimas de emoção castrense”.

E o caso do dobrado **Saudades de Minha Terra**, com raízes ao tempo da Guerra do Paraguai, cuja autoria se presume ser do alferes Luiz Evaristo Bastos. A ópera **Guarani** já foi tocada como dobrado militar.

Laura Della Mônica, em História da Banda **de Música da Polícia Militar de São Paulo**, oferece interessante estudo sobre bandas militares.





BANDAS MILITARES NO BRASIL

Sabe-se que o Regimento de Santos, já por volta de 1773, possuía uma boa banda de música e expressiva verba para mantê-la ativa.

Decreto de 20 agosto de 1802 determinou a organização, em cada Regimento de Infantaria, de uma banda de música instrumental, paga pelo Tesouro Nacional.

Em 7 de março de 1808 o Príncipe D. João aportou no Rio de Janeiro, com esquadra, trazendo a Família Real para o Brasil. Ele trazia a Música Marcial da Brigada Real da Marinha que, por transformações, evolução e denominações sucessivas, veio dar origem a todas as bandas dos Fuzileiros Navais de nossa Marinha, algumas de projeção nacional e internacional.

A Música Marcial, então liderada pelo tambor mór, tão logo desembarcou “pôs-se a marchar pelas ruas do Rio de Janeiro... O povo ficou encantado e não parava de aplaudi-los, eis que nunca vira uniformes tão belos e coloridos”. Até hoje são mantidos, apenas mudando-se as chapas das barretinas.

Decreto de 27 de março de 1810 criou, nos três regimentos de Infantaria da Corte e no Regimento de Artilharia da Corte, bandas com 10 e 12 músicos de instrumentos de sopro (vento).

Carta Régia de 26 de setembro de 1811, ordenou que a Banda de Música do 2º Regimento de Infantaria (O Novo) atual Batalhão Avaí, que era mantida pela oficialidade, fosse paga pela Fazenda Nacional.

Decreto de 11 de dezembro de 1817 criou bandas para os 11º e 15º BI e para o 3º BC, com 11 músicos: 3 clarinetes; 2 trompas; 1 requinta; 1 clarim; 1 fagote; 1 trombão; 1 bombo e uma caixa de rufo. Ela podia ser acrescida de mais 6 instrumentos (1 flautim; 2 clarinetes; 2 fagotes e 1 serpentão).

Ao retornar a Portugal, D. João VI deixou alguns músicos dos que haviam chegado com a Música Marcial dos atuais fuzileiros navais.

Seu filho D. Pedro I era músico e compositor. Tocava flauta, fagote, trombone, cravo, violino, violoncelo e violão e era excelente clarinetista.

Foi igualmente compositor do **Hino Português (1817)**, **Poema Sinfônico da Independência**, **Hino Constitucional**, **Hino da Independência** (o mais conhecido que chegou até nós) e outras composições religiosas, além do **Hino Da. Amélia (1827)**.

Ele prestigiava os músicos e, certa feita, os abrigou na parte térrea do Palácio, destinada aos titulares da Corte. Contam que a alguém, ao alertá-lo da inconveniência da mistura, ele teria respondido:

Com uma penada eu faço barões, condes e marqueses, mas não músicos e cantores”.

Seu **Hino da Independência**, com letra de Evaristo da Veiga, teria sido tocado pela primeira vez em 7 de setembro de 1822, na Casa da Ópera de São Paulo.

Foi uma dessas bandas, dirigidas pelo mestre José Joaquim Mendanha, do 2º Batalhão de Fuzileiros do Exército, que caiu em poder dos farroupilhas no combate do Rio Pardo de 30 de abril de 1838.

Mendanha, filho de Ouro Preto, compôs então o **Hino da República Rio-Grandense**, desde 1891 o hino do Rio Grande do Sul. Formara-se músico na Capela Imperial, onde conhecera Caxias, então tenente.

As bandas de músicas civis, a partir de 1870, foram incentivadas na França com o objetivo de consolidar a idéia republicana.

Esta idéia se transmitiu ao Brasil. E as bandas se espalharam por todo o país, nas grandes cidades e nas do interior, divulgando, inclusive, a música militar entre o povo.

Este movimento avançou nas duas primeiras décadas do século XX.

Nesta fase o Exército possuía 30 bandas. Nelas destacaram-se os maestros do 1º e 2º Batalhões de Infantaria, Rogério Ribeiro da Rocha e F. A. do Nascimento.



Distinguiu-se, entre todas estas bandas, a do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro, tendo como mestre Joaquim Pedro de Carvalho. Foi esta banda a que tocou no último baile do Império na Ilha Fiscal, em 9 de novembro de 1889.

A partir de 1879 nossos navios de guerra, em viagem de instrução, passam a levar uma banda de música, tradição que se mantém através da Banda de Música da Esquadra Brasileira.

No período de 1905 a 1913, em Salvador, no 50º BC e atual 28 BI Mtz de Vitória, atuou o maior compositor do Exército, Antonino Manuel do Espírito Santo. Ele regeu as filarmônicas Recreio do Pilar e Carlos Gomes, na Bahia.

Em 12 de novembro de 1902, as bandas dos fuzileiros navais têm como professor de Música o maestro João Pereira, que foi substituído por Francisco Braga, autor da música do **Hino à Bandeira** e hoje patrono das Bandas de Música e Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN).

Em 1932 todas as bandas da Marinha foram centralizadas na Fortaleza da Ilha das Cobras.

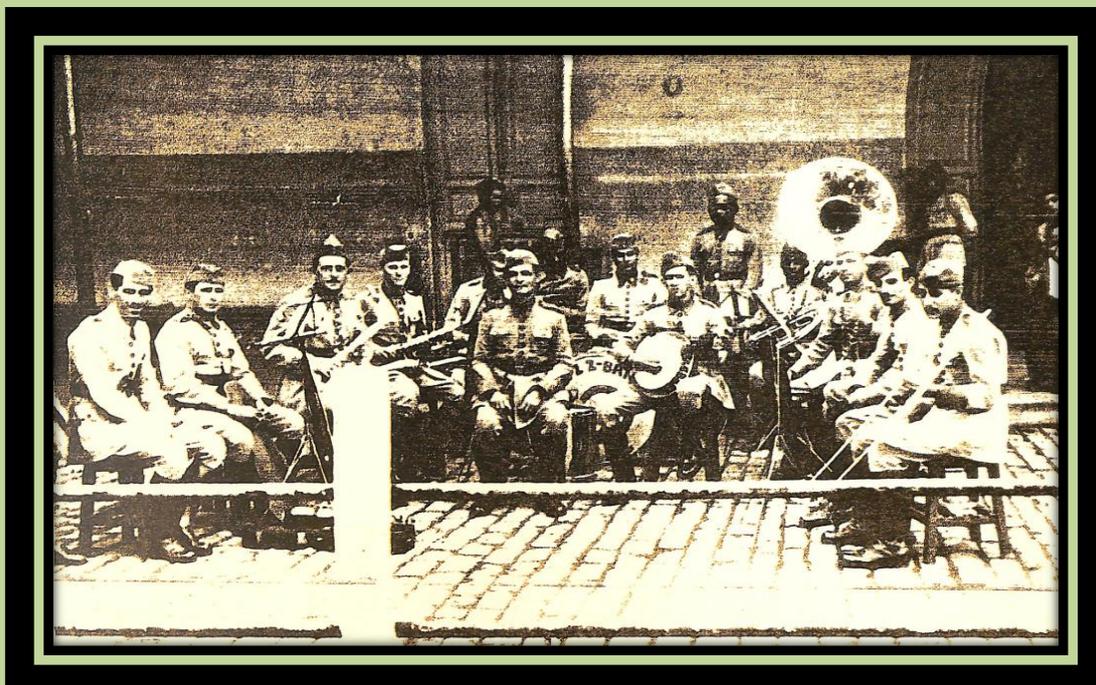
Em 1968 a Banda Marcial da Marinha, com 170 figuras, foi considerada a maior banda marcial do Continente.

Entre os grandes nomes da música brasileira que passaram pelas bandas do Corpo de Fuzileiros Navais registre-se os de Luiz Cândido de Oliveira, José Américo, Eleazar de Carvalho, Rubens Geraldo, Brandão, Florentino Dias e Moacyr José de Freitas, além do maestro Osvaldo Cabral.

As bandas da Aeronáutica têm sua origem na banda organizada em 1935, na Escola de Aviação, com 25 músicos, quando ela ainda pertencia ao Exército. Seu organizador e mestre foi, mais tarde capitão João Nascimento.

Filho de um imigrante português com uma imigrante alemã, não pode ser esquecido o trombonista John Philipe de Souza, talvez o mais famoso mestre de banda de música mundial. Iniciou na Banda da Marinha dos EUA e se projetou internacionalmente, sendo autor do **Stars And Stripes Forewer**, que os turistas em visita aos EUA pensavam ser o Hino Nacional daquele país.

As bandas civis, ao que parece, estão em decréscimo, ao perderem o estímulo que significava o programa “Bandas de Lá e de Cá” na Rádio Roquete Pinto, dirigido por Zair Cansado, que teve disperso seu acervo de cerca de 400 LPs de bandas civis e militares e outras gravações.



Elas foram, por muito tempo, antes do advento do futebol e do rádio, catalizadoras do interesse popular e agentes de desenvolvimento do civismo popular, ao executarem vibrantes canções patrióticas e militares; mais do que isto, constituíram-se em celeiros de músicos.

Não pode deixar de ser mencionado o trabalho de estímulo às bandas de José Roberto Gama, na Rádio Record de São Paulo.

Algo precisa ser feito neste setor cultural popular.

De Pelotas, a capital das bandas, no **Diário Popular** de 1º de setembro de 1989, partiu este apelo desesperado:

“As bandas estão morrendo e nesta Semana da Pátria elas não aparecerão nos festejos. Faltam apoio e incentivo de parte dos órgãos públicos e das autoridades. E os estudantes acabam, aos poucos, se esquecendo delas. Até as bandas que não são das escolas passam por muitas dificuldades, caso da conhecida e carinhosamente apelidada de “furiosa”, a do Batalhão de Polícia Militar, que parou e agora começa a receber apoio para conseguir instrumentos e continuar fazendo apresentações. Hoje, só a grande banda da ETEP continua a teimar em existir” E prossegue o **Diário Popular**:

“A triste realidade das dificuldades financeiras, a decadência, a falta de reconhecimento, indiferença, o desconhecimento dos jovens e desinteresse crescente, formam a moldura do quadro em que se encontra a atual concepção de banda, que provavelmente ainda habita um espaço na memória de muitas pessoas ainda não muito velhas.

As bandas marciais ou musicais fazem parte da tradição de Pelotas, que detém um título único, oito vezes campeã, sendo três a nível estadual e cinco a nível nacional, considerada a “capital das bandas”, uma vez que nenhuma cidade do Brasil já acumulou tantos títulos. Mas essas bandas estão

desaparecendo”.

Dá-me uma sensação de tristeza, pois fui tamboreiro, de 1945 a 1947, na após famosa banda do Ginásio Gonzaga. A banda da Escola Técnica Federal de Pelotas, tricampeã estadual e bicampeã nacional, existe por empenho de Indu Ferrari. Este quadro adverso precisa ser revertido.



CORNETEIROS E CLARINS

Por longos anos os toques de corneta e clarins serviram de Arma do Comando para a transmissão, na paz e na guerra, de ordens à tropa.

Quem não se entenece com um toque de silêncio ou de alvorada bem tocados? Como homenagem à memória de todos os corneteiros das Forças Armadas já falecidos e aos ainda em atividade, recordamos alguns exemplos históricos de corneteiros.

Inicialmente, o do corneteiro Luiz Lopes. Na batalha de Pirajá, na Bahia, durante a Guerra da Independência, ao invés de dar o toque de Retirada ordenado por seu comandante, deu o toque de Cavalaria Avançar, o que provocou, pelo efeito surpresa, a retirada do inimigo e a vitória das armas brasileiras, segundo a História do Exército Brasileiro (1972).

Em meu livro O Negro e Descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul registrei o heroísmo do corneteiro Jesus, com apoio em Artur Ramos, em obra sobre o negro como soldado.

No assalto a Curuzu foi-lhe ordenado dar o toque de Avançar. Antes que

começasse a executá-lo teve seus braços decepados por uma granada, caindo ao solo a seguir, próximo de sua corneta.

Num esforço sobre-humano, dominando a dor e impulsionado pelas pernas e com auxílio da boca, apoiou a corneta num ponto firme do solo e executou, em tempo oportuno, o toque de Avançar, até desfalecer. Morreu pouco após.

Dionízio Cerqueira, em suas Reminiscências da Guerra do Paraguai, assim imortalizou o excepcional corneteiro do 7º de Voluntários da Pátria:

"Depois de soar as últimas notas das cornetas do Exército, vibrou nos ares, maviosa e plangente. a do corneteiro-mór do 7º Batalhão de Voluntários de São Paulo. Era um verdadeiro artista esse paulista agigantado; tinha o orgulho da profissão: não tocava regularmente como os outros; floreava, tremia, chorava, gemia e cantava; executava o toque de silêncio como um hino de saudade, terminava lento, suave e muito triste, até morrer como um gemido longínquo, confundindo-se no silêncio da noite.

Como nos comovia o toque de silêncio do corneteiro-mór do 7º Batalhão de São Paulo! Que saudade tinha aqueles tempos!"

O último exemplo é o do corneteiro Cabo Ambrósio, ocorrido na época da última Grande Guerra, no 7º Batalhão de Engenharia de Combate, estacionado em Petrolina-Pernambuco.

Cabo Ambrósio, segundo o capitão José Sâmia, que testemunhou e registrou o episódio, era dos poucos sobreviventes de sua família no Nordeste, vitimada por rixas. Considerava o quartel sua casa e, seus camaradas, seus irmãos.

Uma inspeção de saúde o julgou incapaz definitivamente para o Exército. Deveria ser licenciado. Seu coração estava fraco.

Chegado o dia do licenciamento, pediu para ser escalado corneteiro. Conta o citado capitão Sâmia:

"Neste dia, tocou a cometa como nunca: onde quer que estivessem, todos paravam e baixavam a cabeça para ouvi-lo — era a despedida...

Diante da tropa formada para a leitura do Boletim Interno, lá estava o Cabo Velho — Ambrósio Cavalcanti — seu rosto totalmente desfigurado, visivelmente abatido, porém nenhuma lágrima, ouvia num profundo silêncio, o longo elogio que lhe havia feito o Comandante...

Terminada a cerimônia, os colegas mais antigos foram designados para acompanhá-lo até o portão das armas. Caminhava lenta e vagarosamente, levava na mão direita uma corneta nova que as praças haviam lhe ofertado como lembrança. Parando diante do portão, fez meia-volta para se despedir dos companheiros, porém não conseguiu. Com a corneta encostada no peito e amparado pelos colegas, morreu ali mesmo, de pé, como morrem as árvores.

Afinal, fora atendido por Deus — morreu no dia em que deixou de ser soldado e de ser corneteiro".

Sobre a projeção social do corneteiro o grande escritor Humberto Campos escreveu esta página antológica reproduzida por Letras em Marcha, de setembro de 1989, sob o título: "O corneteiro do Forte Copacabana", onde hoje funciona o Museu Histórico do Exército. Humberto de Campos, no fim de um dia de estafante trabalho, foi sentar-se próximo ao forte e descreve:

"De repente, à pequena distância, rompe a treva um gemido suave e dolorido. Uma pausa ligeira, e outro gemido mais alto rasga o peito da noite, espalhando-se pela terra e pelo mar. É o clarim do Forte que dá o último toque do dia, na boca de um soldado, manda aos soldados da fortaleza a última

ordem sonora: a ordem de — silêncio! E como é comovente, magoado e cor-tante aquele apelo metálico, vibrando na sombra de uma praça de guerra, diante do oceano que chora e da cidade que splende!

Quanta alma, quanta saudade põe aquele soldado no grito estridente ou na surdina melancólica daquele instrumento singelo e vazio!... A lembrança da sua casa, talvez a lembrança da sua terra, que lá ficou, no Sul, onde as coxilhas se estendem como as ondas do mar, ou no Norte, onde a cabana é um ninho à beira d'água, sob a proteção farfalhante dos coqueiros. Aquele sinal sonoro lançado aos ventos salitrosos não anuncia, apenas, o soldado que se recolhe em si mesmo. Durante o dia foi a faina militar: o exercício, a revista, a aula, a limpeza dos canhões pesados, a desmontagem das carabinas ligeiras. O espírito andou por fora e o coração também. Com aquele grito na inquietação da noite, coração e espírito se recolhem. O homem vai, dentro em pouco, sob a cúpula de aço daquele monstro deitado à beira do mar, encontrar-se, frente a frente, consigo mesmo, e conversa com sua saudade.

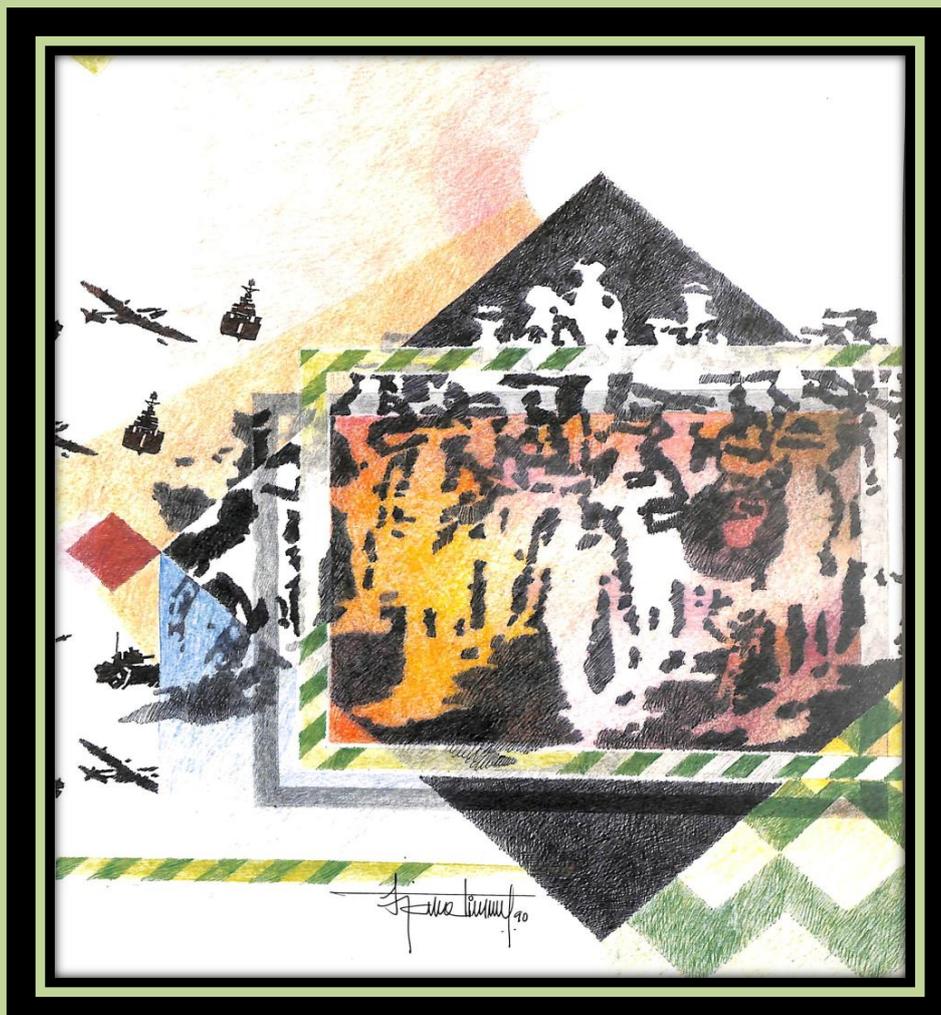
Por isso é tão doloroso, tão fundo, tão cheio de alma, o toque de silêncio! — numa praça de guerra. Por isso é ele ainda mais triste mais longo, mais doce e mais amargo, nas suas modulações, no Forte de Copacabana, numa noite de luar, em frente ao oceano que se espreguiça. O soldado que atira para o céu e para as ondas, sob o anonimato daquelas muralhas, aquelas vozes de saudades, é poeta e namorado. Ele não sopra um clarim, mas seu próprio coração. E aqueles gemidos e aquelas queixas que se espalham pela praia e se vão perder no mar inquieto e nas montanhas paradas, é esse mesmo coração que se desfaz em sonoridades para tornar-se mais leve, e caber, inteiro, no peito de quem o tem...

Corneteiro de Copacabana, quem quer que sejas tu, eu te admiro e te invejo. Quem me dera a ventura de, nos colóquios com a minha alma, interpretar para os homens, para as causas, com a minha pena, a angústia, a saudade, a alegria, a coragem, a tristeza e a esperança, que lhes transmite, cada noite, às dez horas, com o grito de dor e de guerra do teu clarim!..."

Para finalizar não poderíamos deixar de recordar que iniciou sua vida como corneteiro do 12º RI, em Belo Horizonte, o grande artista e compositor nordestino Luiz Gonzaga, circunstância de que muito se orgulhava, ao lado do sentimento de gratidão para com o Exército, onde se fez homem e que ele chamava de "a Escola do Pobre".

Luiz Gonzaga, de 1935 a 1939, encantou com sua corneta, como corneteiro de 1ª classe do 12º Regimento de Infantaria, de igual forma que o corneteiro de Copacabana, as noites de muitos corações mineiros sensíveis em Belo Horizonte, Juiz de Fora e Teófilo Otoni.

Luiz Gonzaga, antes de consagrar-se como "Rei do Baião" e uma das maiores expressões de todos os tempos da música popular brasileira, como sanfoneiro incomparável, foi um renomado corneteiro do Exército, conforme testemunham os que o conheceram então.



LETRAS DE CANÇÕES DAS FORÇAS ARMADAS

Na impossibilidade de transcrevermos todas as canções em uso nas Forças Armadas, transcrever-se a seguir as principais à guisa de colaboração com o cancionero militar, de vez que as músicas serão mais fáceis de obter nas numerosas bandas das Forças Armadas espalhadas pelo Brasil.

CANÇÃO DO EXÉRCITO

Letra: Maj Alberto Augusto Martins

Música: T. Magalhães

**Nós somos da pátria a guarda
 Fiéis soldados
 Por ela amados
 Nas cores de nossa farda
 Rebrilha a glória
 Fulge a vitória
 Em nosso valor se encerra
 Toda a esperança
 Que um povo alcança
 Quando ativa for a terra**

Rebrilha a glória
Fulge a vitória

Bis A paz queremos com fervor
A guerra só nos causa dor
Porém, se a pátria amada
For um dia ultrajada
Lutaremos sem temor

Como é sublime
Saber amar
Com a alma adorar
A terra onde se nasce!
Amor febril
Pelo Brasil
No coração

Nosso que passe
Não há quem passe!
Bis A paz queremos com fervor
A guerra só nos causa dor
Porém, se a pátria amada
For um dia ultrajada
Lutaremos sem temor

CANÇÃO DO INFANTE

Letra: Hildo Rangel
Música: Thiers Cardoso

Nós somos estes infantes
Cujos peitos amantes
Nunca temem lutar;
Vivemos,
Morremos,
Para o Brasil nos consagrar!

Nós, peitos nunca vencidos
De valor desmedidos,
No fragor da disputa
Mostremos
Que em nossa Pátria temos
Valor imenso
No intenso da luta.

És a nobre Infantaria,
Das armas a rainha,
Por ti daria
A vida minha, e a glória prometida,
Nos campos de batalha,

**Está contigo
Ante o inimigo
Pelo fogo da metralha!**

**És a eterna majestade
Das linhas combatentes,
És a entidade,
Dos mais valentes
Quando o fogo da vitória
Marca nossa alegria
Eu cantarei,
Eu gritarei:
És a nobre Infantaria!**

CANÇÃO DA CAVALARIA

Autoria: Desconhecida

**Arma ligeira que transpõe os montes,
Caudais profundos, com ardor e glória,
Estrela guia em negros horizontes,
No caminho da luta e da vitória.
Cavalaria, Cavalaria,
Tu és na guerra a nossa estrela guia.
Arma de tradição que o peito embala,
Cuja história é de luz e de fulgor,
Pelo choque, na carga, ela avassala,
E, ao inimigo, impõe o seu valor.
Cavalaria, Cavalaria,
Tu és na guerra a nossa estrela guia.
Montado sobre o dorso deste amigo:
O cavalo que, altivo, nos conduz,
Levamo-lo, também, para o perigo,
Para lutar conosco sob a cruz.
Cavalaria, Cavalaria,
Tu és na guerra a nossa estrela guia.
De Andrade Neves o Osório, legendário,
E outros heróis que honram a nossa história,
Evocamos o valor extraordinário
Pelo Brasil a nossa maior glória!
Cavalaria, Cavalaria,
Tu és na guerra a nossa estrela guia.**

CANÇÃO DA ARTILHARIA

Letra: General Jorge Pinheiro

Música: Bahn

Eu sou a poderosa Artilharia
 Que na luta se impõe pela metralha,
 A missão das outras armas auxilia
 E prepara o campo de batalha
 Com seus tiros de tempo e percussão
 As fileiras inimigas levo a morte e a confusão. (BIS)
 Se montada, sou par da Infantaria,
 Nos combates, nas marchas, na vitória!
 A cavalo acompanho a Cavalaria,
 Nos contatos, nas cargas e na glória
 Com rajadas de fogo surpreender
 As vanguardas inimigas e depois retroceder. (BIS)
 Quer de costa, antiaérea ou de campanha,
 Eu domino no mar, no ar, na terra,
 Quer no forte, no campo ou na montanha,
 Vibra mais no canhão, a voz da guerra;
 Da batalha sinistra a melodia
 É mais alta na garganta da Pesada Artilharia. (BIS)
 Se é mister um esforço derradeiro
 E fazer do seu corpo uma trincheira,
 Abraçado ao canhão morre o artilheiro
 Em defesa da pátria e da Bandeira.
 O mais alto valor de uma nação
 Vibra n'alma do soldado, ruge n'alma do canhão. (BIS)
 Hurra ! ... Hurra !... Hurra !...

CANÇÃO DO EXPEDICIONÁRIO

Letra: Guilherme de Almeida

Música: Spartaco Rossi

I

Você sabe de onde eu venho?
 Venho do morro, do Engenho
 Das selvas, dos cafezais
 Da boa terra do coco
 Da choupana onde um é pouco
 Dois é bom, três é demais
 Venho das praias sedosas
 Das montanhas alterosas
 Do pampa, do seringal
 Das margens crespas dos rios
 Dos verdes mares bravios
 Da minha terra Natal

Estrilho

Por mais terras que eu percorra
 Não permita Deus que eu morra
 Sem que volte para lá
 Sem que leve por divisa

Esse V que simboliza
A vitória que virá
Nossa vitória final
Que é mira do meu fuzil
A razão do meu bernal
A água do meu cantil
As asas do meu ideal
A glória do meu Brasil

II

Eu venho da minha terra
Da casa branca da serra
E do luar do meu sertão
Venho da minha Maria
Cujo nome principia
Na palma da minha mão
Braços mornos de Moema
Lábios de mel de Iracema
Estendidos pra mim
Ó, minha terra querida
Da Senhora Aparecida
E do Senhor do Bonfim

Estrilho

Por mais terras que eu percorra
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá
Sem que leve por divisa
Esse V que simboliza
A vitória que virá
Nossa vitória final
Que é a mira do meu fuzil
A razão do meu bernal
A água do meu cantil
As asas do meu ideal
A glória do meu Brasil

III

Você sabe de onde eu venho?
É de uma Pátria que eu tenho
No bôjo do meu violão
Que de viver em meu peito
Foi até tomando jeito
De um enorme coração
Deixei lá atrás meu terreno
Meu limão, meu limoeiro
Meu pé de jacaranda
Minha casa pequenina
Lá no alto da colina
Onde canta o sabiá

Estribilho
Por mais terras...

CANÇÃO DA ENGENHARIA

Música: Cadete Hildo Rangel (1919), memorizada pelo General Floriano Machado. Completada pelo 1º Sgt Contramestre Sebastião Moreira do Prado, do 2º RI.

Arranjo: 1º Sgt Regente Paulo de Paula Pimentel, do 1º BG.

Letra: Gen Aurélio Lyra Tavares.

**Quer na paz, quer na guerra, a Engenharia
 Fulgura, sobranceira, em nossa história
 Arma sempre presente, apóia e guia
 As outras Armas todas à vitória
 Nobre e indômita, heróica e secular
 Audaz, na guerra, ao enfrentar a morte
 Na paz, luta e trabalha, sem cessar
 Pioneira brava de um Brasil mais forte
 O castelo lendário, da Arma azul-turquesa
 Que a tropa ostenta, a desfilar, com galhardia
 É um escudo de luta, é o brasão da grandeza
 E da glória sem fim, com que forja a defesa
 E é esteio, do Brasil, a Engenharia
 Face aos rios ou minas, que o inimigo
 Mantém, sob seu fogo, abre o engenheiro
 A frente para o ataque e, ante o perigo
 Muitas vezes, dos bravos é o primeiro
 Lança pontes e estradas, nunca falha
 E em lutas as suas glórias ressuscita
 Honrando, em todo o campo de batalha
 As tradições de Villagran Cabrita
 O castelo lendário, da Arma azul-turquesa
 Que a tropa ostenta, a desfilar, com galhardia
 É um escudo de luta, é o brasão da grandeza
 E da glória sem fim, com que forja a defesa
 E é esteio, do Brasil, a Engenharia**

CANÇÃO DA INTENDÊNCIA

Autores: Desconhecidos

**Companheiros, nos combates não esqueçamos,
 Que o Brasil nos delegou grande missão,
 Sem temor a ela assim nos dedicamos,
 Dando à tropa equipamento e provisão.**

Estribilho

**Pela glória do Brasil tudo faremos,
 Das granadas o fragor não nos aterra,**

**Somos fortes e o inimigo venceremos
Pra manter a tradição de nossa terra.**

**Na Academia, nossa formação querida,
Bittencourt, nosso patrono, e vós Caxias
Sois exemplos que seguimos toda vida
Pra grandeza do Brasil em nossos dias.**

Estrilho

**Pela glória do Brasil tudo faremos,
Das granadas o fragor não nos aterra,
Somos fortes e o inimigo venceremos
Pra manter a tradição de nossa terra.**

**De norte a sul, sob o sol rijo a brilhar.
Ou bem longe desta terra varonil,
Marcharemos nos comboios a cantar
Nossos feitos de soldados do Brasil.**

Estrilho

**Pela glória do Brasil tudo faremos,
Das granadas o fragor não nos aterra,
Somos fortes e o inimigo venceremos
Pra manter a tradição de nossa terra.**

CANÇÃO DA ACADEMIA MILITAR

Autor: Capitão de Infantaria Antônio de Pádua Vieira da Costa

**Academia Militar,
Heróis a lutar
Por uma Brasil maior,
Na paz como na guerra,
Honrando as tradições
Da nossa terra.
Cadete do Brasil
Conduz o teu fuzil!
Ao lado do canhão,
A par da Engenharia,
Da Intendência e da Cavalaria.
(Assobio)
Somos a esperança
De um Brasil inteligente,
Liderança do continente.
Irmãos brasileiros,
Formais entre nós,
Brasileiros
Sois todos vós.
Amor ao Brasil,**

**Amor à Bandeira
Seja o lema
Da mocidade brasileira.**

CANÇÃO DO MARINHEIRO (Cisne Branco)

Letra: CT Francisco Dias Ribeiro

Música: Antônio Manuel do E. Santo

**Qual Cisne Branco que em noite de lua
Vai deslizando no lago azul
O meu navio também flutua
Nos verdes mares de Norte a Sul
Linda galera que em noite apagada
Vai navegando no Mar imenso
Nos traz saudades da terra amada
Da Pátria minha em que tanto penso
Qual linda garça que aí vai cruzando os ares,
Vai navegando sob o belo Céu de anil
A minha galera
Também vai cruzando mares;
Os verdes mares,
Os mares verdes do Brasil
Quanta saudade nos trás a volta
À nossa Pátria do coração,
Dada por finda nossa derrota,
Temos cumprido nossa missão.**

CANÇÃO DA ESCOLA NAVAL

Letra e música: Luiz Felipe Menezes de Magalhães

**A Escola Naval Brasileira
Prepara a mocidade para a luta no mar!
Somos todos defensores da bandeira
Nos mastros da vitória a tremular!
Nossa vida na paz ou na guerra
É sempre navegando pelos mares de anil!
Para a glória e pela honra desta terra
Lutaremos com denodo varonil!
BIS Nós somos os sentinelas dos Mares
Do glorioso Brasil
ESTRIBILHO
Marinheiros! Avante!
Marinheiros! “Rumo ao Mar”!
“Tudo pela Pátria”!
Avante a navegar!
Marinheiros! Avante!
Vencer ou então morrer!
“O Brasil espera**

Que cada um cumpra o seu dever".
 São as águas azuis nossos lares,
 O campo de batalha da Esquadra em ação!
 Somos livres para sempre sobre os mares
 À força do direito do canhão!
 Riachuelo que foi, no passado
 Exemplo de bravura e coragem viril
 Vive sempre como símbolo sagrado
 Dentro d'alma do marujo varonil!
BIS Nós somos os sentinelas dos Mares

CANÇÃO DA AERONÁUTICA

Letra: Cap. Armando Serra de Menezes

Música: Ten. João Nascimento

Vamos, filhos altivos dos ares
 Nosso voo ousado alçar
 Sobre campos, cidades e mares
 Vamos nuvens e céus enfrentar
 D'Astro-Rei desafiamos os cimos
 Bandeirantes audazes do azul
 Às estrelas, de noite, subimos
 Para orar ao Cruzeiro do Sul
 Contato! Companheiros!
 Ao vento, sobranceiros
 Lancemos o roncar
 Da hélice a girar
 Contato! Companheiros!
 Ao vento, sobranceiros
 Lancemos o roncar
 Da hélice a girar
 Mas se explode o corisco no espaço
 Com a metralha, na guerra, a rugir
 Cavaleiros do século do aço
 Não nos faz o perigo fugir
 Não importa a tocaia da morte
 Pois que a Pátria, dos céus no altar
 Sempre erguemos de ânimo forte
 O holocausto da vida, a voar
 Contato! Companheiros!
 Ao vento, sobranceiros
 Lancemos o roncar
 Da hélice a girar

CANÇÃO DAS COMUNICAÇÕES

Letra: Ten. Aloísio Pereira Pires

Música: Do Dobrado "Brasil Esterno", Abdon Lyra

Pelas estradas sem fim
 Ou pelo campo caminha a Glória
 Os nossos fios, as nossas antenas transmitem essas vitórias
 Quando soa a metralha ou o ronco dos canhões
 Nos céus da Pátria ecoa
 Teu nome Comunicações
 Bis E quando a vitória vier
 Alguém falará no porvir
 Na paz, assim como na guerra
 Teu lema é sempre servir
 Dentro das noites escuras, o teu trabalho silente será
 E nessa mudez, somente a bravura, ao teu lado caminhará
 Sempre estarás na vanguarda e cumprirás do Comando as missões
 Com o nome de Rondon, pulsando em nossos corações

Estribilho
 E quando a vitória vier...

CANÇÃO DO MATERIAL BÉLICO

Letra: Cad. Bernardo S. Silva Filho
 Música: 2º Ten. Leopoldo G. de Oliveira

Nos paióis, nas oficinas
 Enfrentando ardis e minas
 Porfiaremos de alma forte
 Com denodo e valentia
 Noite e dia sem cessar
 Cumpriremos nosso dever
 Pouco importa vida ou morte
 Nosso intuito é vencer

Estribilho
 Na paz, o progresso
 Na guerra, a vitória
 Construir a grandeza
 Lutar pela glória
 Da pátria com ardor
 Com arrojo e bravura
 Com esforço de gigante
 Seguiremos sempre avante
 Sem temer treva ou metralha
 Cumpriremos a missão
 Apoiando a vanguarda
 Quer no ataque ou na defesa
 Do triunfo na batalha
 Levaremos a certeza

Estribilho
 Na paz, o progresso...

ESPERANÇA DA ARMADA

(Hino do Colégio Naval)

Letra e música: Luiz F. Magalhães Harmonização e instrumentação:
Oswaldo Cabral

Ao deixarmos com orgulho os nossos lares
Nós dissemos com fé e emoção
A Marinha sempre forte pelos mares
É o desejo dos nossos corações.
Pela honra de servir a Pátria Amada
E por ela viver e lutar
Somos hoje a esperança da Armada
O futuro da Pátria no Mar.

Estribilho

Colégio Naval

Esperança da Armada Brasileira

O nosso ideal

É no alto manter nossa bandeira

Colégio Naval

Sempre avante com garbo varonil

Daremos nossas vidas

Para a glória do Brasil.

Sempre unidos pela pátria lutaremos

Como Greenhald lutou até morrer

O auriverde pavilhão defenderemos

Sempre atentos à Lei e ao Dever.

A Marinha dedicamos nossa mente

Nossa alma e o braço viril.

Porque somos na hora presente

Marinheiros do nosso Brasil.

CANÇÃO DO SERVIÇO DE SAÚDE

Letra e Música: José dos Santos Rodrigues

Nós soldados do Corpo de Saúde
Sem temermos o rugido da metralha
Aos heróis que tombam na vanguarda
Reservamos o socorro na batalha.
Nós soldados do Corpo de Saúde
Não usamos a força do fuzil
Pelejamos ao lado da ciência
Pela glória e pela alma do Brasil
De exemplo, somos nós na medicina
Seja na guerra, seja nos dias de paz
Combatemos pelo bem da humanidade
Sem vacilarmos, e sem descanso jamais.
Nosso lema, é prestar a caridade
Ao moribundo, ao ferido, ao mutilado
Procurando amenizar o sofrimento
De bem servir ao nosso Brasil adorado.

CANÇÃO DOS FUZILEIROS NAVAIS

Letra: Prof. João de Camargo
Música: Prof. Tenente Luiz Cândido da Silveira

Sentinela e falange aguerrida
Bis Na vanguarda, empunhando o fuzil,
Pela Pátria é que damos a vida,
Fuzileiros navais do Brasil!
Fuzileiros do mar e de terra,
Bis Defensores da grande Nação,
Vigilantes, na paz e na guerra,
Na vanguarda, co'as armas na mão...
Na peleja, ao fragor da metralha,
Na vanguarda, que é honra e dever,
Fuzileiros, no ardor da batalha, 1ª vez
Saberemos lutar e vencer...
Saberemos, no fim da batalha 2ª vez
Fuzileiros — Vencer ou morrer!

CANÇÃO DA VETERINÁRIA

Letra: Gen A. Bastos Dias
Música: Osires do Nordeste

Somos parte de um todo bravo e forte.
Que a viver nos ensina com nobreza.
E protege o Brasil de Sul a Norte.
Ajudando a fazer a sua grandeza
Estribilho

Para a frente, sigamos companheiros! Pela Pátria querida a batalhar.
E entre todos sejamos os primeiros A lutar... a lutar... sempre a lutar! Nos
momentos de luta ou de bonança. Estamos sempre unidos e ieaus A luta
com firmeza e com esperança Na conquista de nobres ideais.

Estribilho

Para a frente sigamos companheiros dc...
Na labuta constante dos quartéis.
Procuramos zelar cada vez mais
Pela higidez dos cães e dos corcéis
Que nos prestam serviços tão reais.

Estribilho

Para a frente sigamos companheiros, etc... Na labuta constante dos
quartéis, Procuramos zelar cada vez mais, Pela higidez dos cães e dos
corcéis Que nos prestam serviços tão reais.

Para a frente sigamos companheiros, etc...

No nosso coração fizemos trono Onde o vulto de um médico-soldado, De
Muniz de Aragão nosso Patrono Vive sempre querido e respeitado.

Estribilho

Para frente sigamos companheiros,....

CANÇÃO DOS CADETES DO AR

(Bandeirantes do Ar)

CANTO DE GUERRA DA GUERRA DO PARAGUAI

Poesia: Dr. Antônio José de Araújo

Música: Francisco Manuel da Silva

Guerra, brada o Ipiranga
 As armas, o Brasil chama
 Ao som do clarim da fama Vingança jura o Brasil.
 Erguido como um gigante
 O Amazonas bradou, Guerra a quem fero pisou Nossas terras do Brasil.
 Como o anjo da vitória
 Nos guia Pedro Segundo Mostremos a todo o mundo O quanto pode o
 Brasil.

Estrilho

Brasileiros, guerra, guerra!
 Desagrave-se a Nação.
 Dos antros da escravidão Fez-se afrontas ao Brasil.
 (Da Guerra do Paraguai)

HINO DE GUERRA
 (GUERRA DO PARAGUAI)
 LETRA DO DR. ANT. JOSÉ ARAÚJO - MÚSICA DE FRANCISCO MANUEL DA SILVA -

2ª VEZ

CANÇÃO DA VIVANDEIRA

(Guerra do Paraguai)

Autoria: desconhecida

Ai que vida que passa na terra
Quem não ouve o rufar do tambor,
Quem não canta na força da guerra
Ai amor, ai amor, ai amor!
Quem a vida quiser verdadeira
É fazer-se uma vez vivandeira.
Só na guerra se matam saudades
Só na guerra se sente o viver,
Só na guerra se acabam vaidades
Só na guerra não custa morrer.
Ai que vida, que vida, que vida,
Ai que sorte tão bem escolhida!
Ai que vida que passa na guerra
Quem pequena na guerra viveu,
Quem sozinha passando na terra
Nem o pai, nem a mãe conheceu.
Quem a vida quiser verdadeira
É fazer-se uma vez vivandeira,
Ai que vida esta vida qu'eu passo
Com tão lindo gentil mocetão!
Se eu depois da batalha o abraço,
Ai que vida p'ra meu coração.
Que ternura cantando ao tambor
Ai amor, ai amor, ai amor!
Que harmonia não tem a metralha
Derrubando fileiras sem fim,
E depois, só depois da batalha,
Vê-lo salvo, cantando-me assim:
Em t'as marchas fazendo trigueira
Mais te amo gentil vivandeira.
Não me assustam trabalhos da lida,
Nem as balas me fazem chorar;
Ai que vida, que vida, que vida,
Esta vida passada a cantar!
Qu'eu lá sinto no campo o tambor
A falar-me meiguices de amor.
Mas deixemos os cantos sentidos,
Estes cantos do meu coração,
E prestemos atentos ouvidos
Rataplão, rataplão, rataplão.
Rataplão, rataplão, que o tambor,
Vai cadente falando de amor.

VITÓRIA OU MORTE!
(Hino de Guerra)

À GUARDA NACIONAL DO IMPÉRIO
(Guerra do Paraguai)

Letra: Jorge H. Cussen Música: Maestro Rafael

De teus filhos redobra coragem,
Pátria, exulta, a Justiça é por nós!
Na mais erma, longínqua paragem
Da vingança percebe-se a voz (Bis).
E marchar! Que o bandido insolente
Ceva as iras no sangue de irmãos:
Té no berço a criança inocente
Da quadrilha feroz morre às mãos (Bis).
Sus! à guerra, mancebo, à vingança!
Nem da virgem lhes toca o pudor!
Honra, afeto, a mais doce esperança,
Nada assusta o selvagem furor (Bis).
Onde o sangue lhes cobre as pisadas
Abra o fogo espantosa voragem,
Sobre as coroas de rosas fanadas
Chovam balas a sua passagem (Bis).
Quando a Pátria na angústia nos chama
Quem não busca dar fim aos seus ais?
Todo o peito valente se inflama
Todo o bravo ergue as armas fatais (Bis).
Velho — ao filho engrandece a bravura,
Mãe — nas preces mistura o seu nome,
Noiva — diz-lhe que cresce a ternura
Neste anseio que o peito consome (Bis).
Pátria! Pátria, eis-nos prestes — corramos!
Vê que márcio denodo entre nós!
Todo o gozo da vida deixamos
Quando em grita te ouvimos a voz (Bis).
Eia! Avante! À vingança! Ao combate!
À desforra! Ao triunfo! Aos lauréis!
Tanta audácia — num férvido embate,
Ferro em punho — calquemos aos pés (Bis).
Coro

Eia! ligeiros, à vil coorte!
Aos Brasileiros, Vitória ou Morte!
Eia, ligeiros, à vil coorte!
Aos Brasileiros, Vitória ou Morte! (Bis).

"A VIVANDEIRA"
CANÇÃO MARCIAL
(GUERRA DO PARAGUAI)

VITÓRIA OU MORTE
GUARDA NACIONAL DO IMPÉRIO - GUERRA DO PARAGUAI.
LETRA DE JOSE H. CUTERIM, MÚSICA DE NAZIRI FARREI.

O GUAICURÚ

**Hino Brasileiro dedicado aos "Bravos
Voluntários da Pátria" por um brasileiro**

Deus vos salve voluntários
 Nesse empenho varonil
 Correndo ao campo da honra
 Em defesa do Brasil.
 O Brasil reconhecido
 Mais se exalta do valor
 Com que mostra de seus filhos
 Da Pátria o maior amor.
 O prêmio de vossos feitos
 É da honra da Nação
 Onde pulsa o generoso
 Brasileiro coração.
 De honra vossas medalhas
 Ornarão a peitos mil,
 Recordando os gloriosos
 Voluntários do Brasil

Coro
Nossa causa é justa e santa
Vossa glória é a do mundo
Morra o tirano estrangeiro
Viva D. Pedro Segundo.

O GUAICURÚ
 NHO DEDICADO AOS BRAVOS VOLUNTARIOS DA DIÁRIA DE
 GUERRA DO PARAGUAI, POR UM BRASILEIRO

The image shows a musical score for a vocal piece titled "O Guaicurú". It consists of five staves of music. The first four staves are vocal lines, and the fifth staff is a piano accompaniment. The score includes dynamic markings such as "p" (piano) and "D.C." (Da Capo). The music is written in a key signature of one sharp (F#) and a common time signature (C).

The image shows the piano accompaniment for the piece "O Guaicurú". It consists of eight staves of music. The first two staves are the piano introduction, marked "PIANO" and "ff". The subsequent staves are the accompaniment for the vocal lines. The score includes dynamic markings such as "piano", "con s", and "Allegro". The music is written in a key signature of one sharp (F#) and a common time signature (C).

HINO AO GENERAL OSORIO (A 1º de Agosto de 1859.)

Por seus amigos: Dr. Azevedo e Medeiros

Riograndense faz timbre
Pela pátria em dar a vida
Nobre herói; ama o progresso
Não quer a pátria oprimida.
Do rei, o trono defende
Fiel à Constituição
Sua espada triunfante
Da liberdade o braço
Do regresso no cinismo
No embuste dos traidores,
Pisa avante, recebendo
Patrióticos louvores
Estrilho
De Caseros vitória
Foi Osório grão guerreiro:
Suas glórias, sua fama
São do povo brasileiro.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Edgar. Bandas de Música. *O Dia*. Rio de Janeiro, 3/4 julho de 1977.
- AMAN, *História da Doutrina Militar*. Volta Redonda, 1979, p. 82.
- ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. 1.4. Canção do Exército — Histórico (Coletânea).
- IDEM. Subsídios e fontes diversas consultadas na caixa 1.4 — Canções Militares.
- BAILLY, Gustavo Adolfo. *Bandeiras e Hinos*. Rio, A. Coelho Branco, 1942. (Refere a concurso canções militares aberto. Av. 945 de 29 de setembro de 1939, pelo Ministério de Guerra).
- BENTO, Cláudio Moreira. Maestro José Joaquim Mendanha, *in: Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS*. Porto Alegre, IEL, 1975, p. 287-290. (Estuda a vida e obra do maestro negro autor do Hino do RGS).
- _____. Quartel do Campo de Santana ao Palácio Duque de Caxias. 1988. (Estudo no Arquivo Histórico do Exército do qual foi extraído o álbum Quartéis Gerais das FFAA da POUPEX).
- _____. Reunião no Clube Militar para a fundação da Defesa Nacional. (Traços de Mário Clementino). *A Defesa Nacional*, nº 715. 1984.
- BLAKE, Augusto Alves Sacramento: *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro. Typographia Nacional e Imprensa Nacional, 1833-1902, 7v.
- CAMPOS, Humberto de. O Corneteiro do Forte de Copacabana. *Letras em Marcha*, Rio, Set 1989.
- CANSADO, Zair. Anotações sobre músicas e bandas militares no Arquivo Histórico do Exército. (Classificados em 1.4. Canções Militares e Bandas Militares).
- CERQUEIRA, Dionízio. *Reminiscências das Campanhas do Paraguai*. Rio, Bibliex, r/d, 4ª Edição, p. 204. (Referência ao excelente corneteiro do 7º de Voluntários da Pátria de São Paulo).
- CIDADE, Francisco de Paula, Gen. O terço e as ladainhas. *RIGHMB*, 1964, 1º Sem. pg. 107. (Referência a canção de N. S. da Conceição).
- CLEMENTINO, Mário. Canções de Guerra. *A Defesa Nacional*, nº 25, ano III, 1975, pg. 38-41.
- CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS. As bandas do CFN. (Folheto do Sv de Relações Públicas do Cmdo do CFN — Ilha das Cobras).
- COSTA, Francisco Augusto Pereira da. Folclore Pernambucano, *in: RIGHB*. LXX. 2ª parte, pg. 515.
- DIÁRIO POPULAR. Zair Cansado luta pela sobrevivência das bandas de música. Pelotas, 10 de novembro de 1979.
- _____. Das bandas uma só vai passar. Pelotas, 1º de setembro de 1989.
- ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. Canção da Vivandeira. Letra e Música, *in: História do Exército Brasileiro*. Rio, Sergraf, 1972, v. 2, p. 639.
- IDEM. *Ordenança de toques de corneta e clarim em uso do Exército*. Rio. Imprensa Nacional, 1906.
- FONSECA, Severiano Martins da Cruz. *Ordenança de toques de cometas e clarins*. Rio. Luiz Machado, 1897, p. 22.
- FOSSA, Humberto Castro. Marselhesa. *Jornal do Sudeste*, Encruzilhada do Sul, 8 de julho de 1987. (Refere a influência da Marselhesa nos Aliados na 2ª GM).
- HEITOR, Luiz. *Música e músicos do Brasil, história, crítica, comentários*. Rio de Janeiro, Livraria Ed. Casa do Estudante do Brasil, 1950, p. 406. (Subsídios sobre canções militares e seus autores).

LYRA, Mariza. *Canções Militares*. Rio. Bibliex, 1942. É o mais completo repositório de letras e músicas militares brasileiras.

_____. Cantigas e Canções militares. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1937.

_____. *História do Hino Nacional Brasileiro*. Rio. Cia Ed. Americana, Rua Maranguapes 15, 1954.

MALVÁSIO, Luiz Sebastião, Maj. PMSP. A banda de música da PMSP. *in: Polícia Militar do Estado de São Paulo*. São Paulo, Imp Of. 1972, pp. 210-213. (Conta a história da banda de música da PMSP, suas glórias, projeção e ação do grande maestro Joaquim Antão Fernandes entre outros).

MEDEIROS, Azevedo do. Dr. Hino D.O.C. ao general Osório, em 1959. (Ver AHEx em 1.4)

MEIRA, Antônio Gonçalves. E nossas bandas militares. *Ombro a ombro*, 1989. (Homenagem a Zair Cansado).

MELLO, Pedro de. A letra do Hino Nacional Brasileiro e a música do Hino a Bandeira. (Letra de Olavo Bilac)p. 20.

MELLO, Raul Silveira. O Terço do Soldado ou dos Militares. *in: Cancionário do Serviço de Assistência Religiosa na FEB*. Rio. MEx, 1945. (Afirma que o canto religioso Óh! Virgem da Conceição foi usado como canto de guerra).

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO: Port. Ministerial nº 342 de 9 de abril de 1987. Aprova Normas Julgamento e aprovação de canções militares. (BE. nº 16 de 16 de abril de 1987).

MINISTÉRIO DA MARINHA. Boletins Administrativos, nº 6 de 26 de junho de 1985. Rio, Imprensa Naval, 1985. (Dispõe sobre organização de suas bandas).

MÔNICA, Laura Delia. *História da Banda de Música da PMSP*. São Paulo, 1972. (Possui interessante estudo sobre a evolução histórica das bandas de música).

MORAIS FILHO, Mello. *Factos e memórias*. Rio. H. Garnier Liv. 1904, pg. 320. (Depõe sobre a influência do Hino na Guerra do Paraguai sobre o ânimo ofensivo dos brasileiros na Guerra do Paraguai).

NOTICIÁRIO DO EXÉRCITO. Aquisição de instrumentos musicais, nº 7802, 8 de agosto de 1989. (Relaciona o esforço para dotar as bandas de música do Exército de novos instrumentos).

REIS, Mercedes de Moura. *A Música Militar no Brasil no séc. XIX*. Rio, Imprensa Militar, 1952. (Primeira Exposição Geral do Exército). É um expressivo instrumento até agora de preservação da memória musical militar do Brasil. Indica o título da música e a sua localização.

RIBEIRO, Rubem Continentino Dias, Gen. Carta de janeiro 1976 ao Sv de Doc Geral da Marinha, provando haver sido seu pai o capitão tenente Francisco Dias Ribeiro o autor da letra da canção Cisne Branco.

SÂMIA, José. A morte do corneteiro. *Revista do Clube Militar*. nº 276, 1986, p. 43-44.

SECRETARIA DE CULTURA (Estado do Rio de Janeiro). *Bandas Fluminenses*. Rio, 1982. (É um interessante subsídio sobre bandas civis no Estado do Rio).

SILVA, Basílio Magno, Alf. As Canções Militares. *A Defesa Nacional*. nº 227-228. Abr/Mai 1933, pg 381. (Define a finalidade da arte musical na forma de canção militar na alma do soldado. É o primeiro e único a tratar do assunto na literatura militar do Exército).

SILVA, Joaquim Noberto de Souza. *Coleção de Hinos e Canções e lundus*. Rio. L. Garnier, 1978. (Inclui a Vivandeira).

SOUZA, Floriano Salles. Recordar é viver I e II. *in: Revista Âncora*, nº 168

de 1961 e nº 172, pp. 12 e 13. (Testemunha sobre a autoria do Ten Dias Ribeiro da letra da canção Cisne Branco e sobre a importação do Pará em 1917, da canção que atualmente pertence ao Exército

TAVARES, Aurélio de Lyra. As Canções da Engenharia *ir. Vilagran Cabrita*. Rio, Bibliex, 1981, p. 279-304. Publica as letras e músicas das canções do Pantoneiro e Sapador Mineiro.

TÁVOLA, Arthur da. O incansável Cansado das bandas *O Dia*, de 27 de fevereiro de 1988.

_____. Do acerto das bandas aos desafios da Globo. *O Globo*. Rio de Janeiro, 20 de março de 1977

ACERVOS SOBRE MÚSICA MILITAR BRASILEIRA

As principais fontes sobre canções militares brasileiras antigas são encontradas nas obras de Mariza Lyra e Mercedes Reis citadas, nas fontes consultadas e mais as recolhidas pelo GBOEX, por iniciativa do Prof. Antonio de Lisboa Mello e Freitas e recolhidas ao Arquivo Histórico do Exército.

A obra de Mercedes Reis indica as músicas existentes nos museus da Cidade, Histórico Nacional e Imperial de Petrópolis, Escola Nacional de Música e Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, entre outros locais.

O leitor interessado poderá recorrer também as seguintes organizações entre outras, para indicações sobre o assunto:

NO EXÉRCITO

- ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO.

Palácio Duque de Caxias, 9 ° andar, Praça Duque de Caxias, 25 - 20.221 - Rio de Janeiro - RJ Fone: (021) 233-0007.

Reúne informações sobre o assunto e inclusive canções enviadas pelo GBOEX projeto do Prof. Antonio Freitas, atual Presidente do GBOEX.

- BIBLIOTECA DO EXÉRCITO.

Palácio Duque de Caxias, Praça Duque de Caxias, 25 — Ala Marcílio Dias, 3° andar - 20.221 - Rio de Janeiro - RJ.

- CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO EXÉRCITO.

QG do Exército. SMU - 70.630 - Brasília - DF (E que prova canções militares através de Comissão específica).

- BANDA DA ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS-AMAN.

BGP. 27.500 - Resende-RJ. (Possui valioso acervo e junto com o Batalhão da Guarda Presidencial as únicas bandas Tipo I do Exército).

- BANDA DO BATALHÃO DA GUARDA PRESIDENCIAL.

BGP-SMU - 70.000 - Brasília - DF. (Possui rico acervo musical. Ela apóia o cerimonial da Presidência).

NA MARINHA

- COMPANHIA DE BANDAS.

Guarnição do QG do CFN Ilha das Cobras 20.091 - Rio de Janeiro - RJ - Fone: (021) 291-4441, ramais: 282 e 284. (Centraliza todas as bandas da Marinha).

- SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO GERAL DA MARINHA.
Rua D. Manoel, 15 - Centro 20.010 - Rio de Janeiro - RJ - Fones: (021) 233-9316 e 233-9015.

NA AERONÁUTICA

- INSTITUTO HISTÓRICO CULTURAL DA AERONÁUTICA
Praça Mar Âncora, 15 A - 20.021 - Rio de Janeiro - RJ - Fones: (021) 533-0295 e 533-0340.

EM ENTIDADES CIVIS OU PESSOAS

- MUSEU DA IMAGEM E DO SOM
Praça Rui Barbosa, 1 - 20.021 - Rio de Janeiro - RJ.

- INSTITUTO NACIONAL DE MÚSICA - FUNARTE.
Museu de Belas Artes. Av. Rio Branco, 199 20.040 - Rio de Janeiro - RJ.

- BIBLIOTECA NACIONAL.
Seção de obras raras. Av. Rio Branco, 219 20.042 - Rio de Janeiro - RJ.

- MUSEU HISTÓRICO NACIONAL.
Praça Mar Âncora, 3 - 20.042 - Rio de Janeiro - RJ.

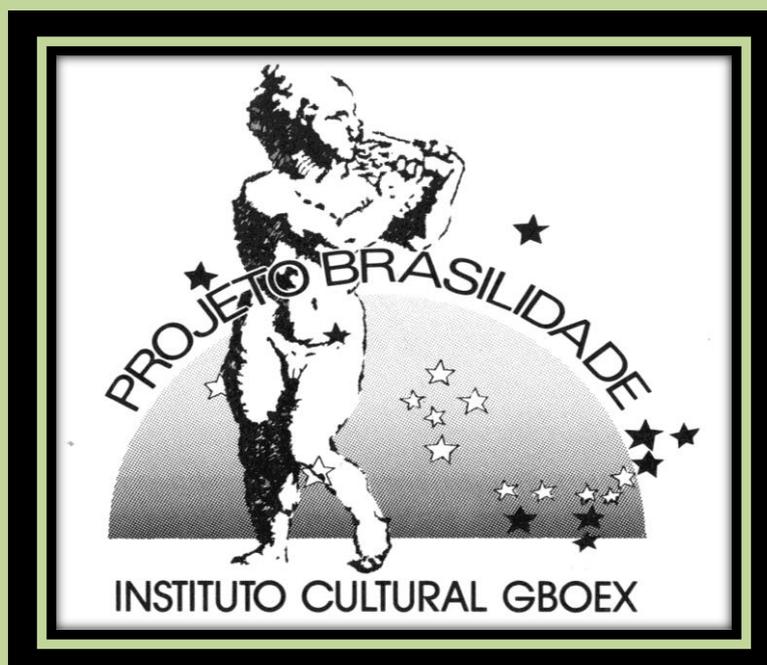
- ARQUIVO NACIONAL.

Rua Azevedo Coutinho, 77 - 20.230 - Rio de Janeiro - RJ.

- ASSOCIAÇÃO DE MÚSICOS MILITARES DO BRASIL.
Av. Presidente Vargas, 1733/5º andar - 20.210 - Rio de Janeiro - RJ. (Seu acervo outrora rico foi dispersado).

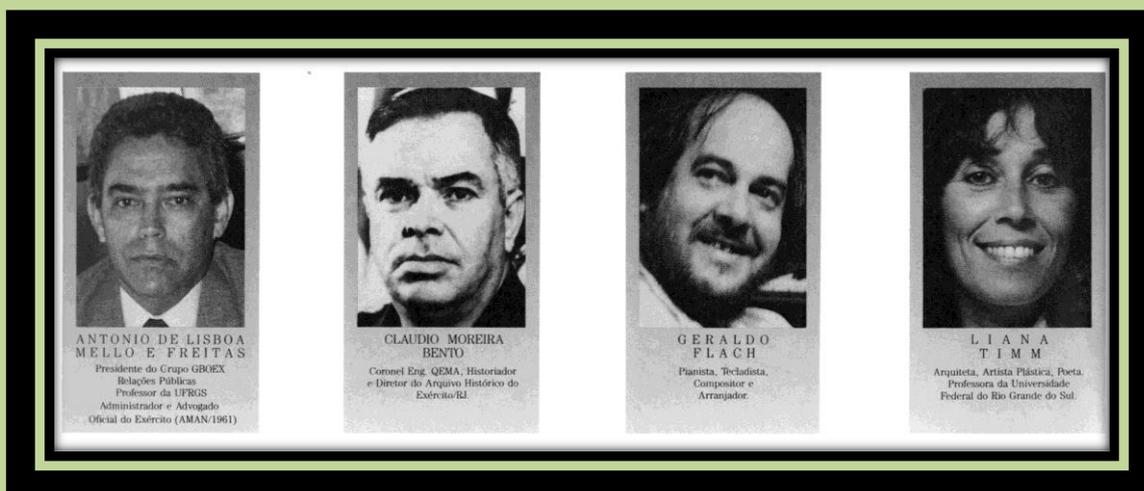
- ZAIR CANSADO.
Rua Mearim, 316/301 - Grajaú - 20.501 - Rio de Janeiro - RJ. (Possui valiosas informações sobre o assunto bandas militares e civis).

AGRADECIMENTOS E AUTORES



O GBOEX agradeceis seguintes organizações do Exército que atendendo

seu apelo enviaram subsídios na forma de canções, as quais hoje integram o acervo do Arquivo Histórico do Exército, a Casa da Memória Histórica do Exército que vem desenvolvendo o assunto sob o título: 1-4 Canções militares: Infantaria: 4 e 6 Bda Inf; 1º BPE; 2, 32, 34, 37, 44 e 61 BI Mtz; 2, 19 e 28 BC; 4 e 7 BIB; 10, 11, 12, 13, 17, 38, 51 e 55 BI; 4 BEsp From; 4 Cia Esp From e 5 Cia Gd. Cavalaria: 11 RC Mec. Artilharia: 3, 25, 27 e 32 GAC e 1 Bia 6º G A Cos. Engenharia: 1, 5 e 6 BE Cmb; 1 e 2 BFv e 3 e 9 BE Cnst. Comunicações: 7 e 9 Cia Com. Colégios Militares: Porto Alegre, Fortaleza, Salvador e Recife. Material Bélico: 22 B Log; 4 e 5 DL e CMP e 11 RM.





DISCO ANEXO CONTEÚDO

LADO A

- 1 - TOQUE DA ALVORADA la Parte (aut. desc.)
- 2 - CANÇÃO DO EXÉRCITO, letra: Maj. Alberto Augusto Martins, música de Theófilo . Magalhães
- 3 - CANÇÃO DA MARINHA (Cisne Branco), letra: Ct. Francisco Dias Ribeiro, música: Mestre Antônio Manuel do Espírito . Santo.
- 4 - CANÇÃO DA AERONÁUTICA, letra: Cap. Armando Serra de Menezes, música: Ten. João Nascimento
- 5 - INFANTARIA, letra: Hildo Rangel, música: Thiers Cardoso, CAVALARIA (aut. desc), ARTILHARIA, letra Gen Jorge Pinheiro, música: Bahn, ENGENHARIA, letra: Gen. Aurélio de Lyra Tavares, música: Cadete Hildo Rangel, INTEDÊNCIA (aut. desc), COMUNICAÇÕES, letra: Ten. Aloísio Pereira Pires, música: Abdon Lyra, MATERIAL BÉLICO LETRA cadete Bernardo S. Silva Filho, música: 2º Ten. Leopoldo G. de Oliveira.
- 6 - CANÇÃO DO EXPEDICIONÁRIO, Música Guilherme de Almeida, música: Spartaco Rossi. j

LADO B

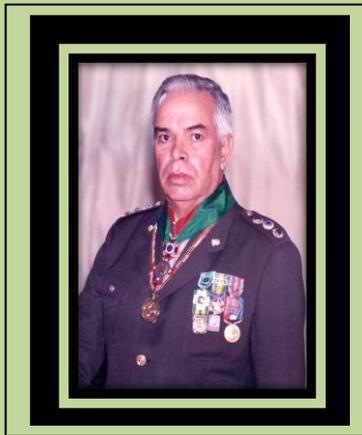
- 1 - TOQUE DA VITÓRIA (aut. desc).
- 2 - HINO NACIONAL BRASILEIRO, letra: Joaquim Osório Duque Estrada, música Francisco Manuel da Silva.
- 3 - OH! VIRGEM DA CONCEIÇÃO (aut. desc.)
- 4 - CANÇÃO DE GUERRA DA GURRA do PARAGUAI, letra: Dr. Antônio José de Araújo, música: Francisco Manuel da Silva.
- 5 - CANÇÃO DA VIVANDEIRA . (. Aut.desc.)

6 - O GUAICURU (aut. desc).

7 - VITÓRIA OU MORTE, letra: Jorge H. Cussen, música: Maestro Rafael

8 - TOQUE DO SILÊNCIO (aut. desc).

CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO



Veterano Cel Eng Claudio Moreira Bento Historiador e pensador militar. Memorialista e Jornalista

(X) Coronel Claudio Moreira Bento nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Turma Asp Mega Eng AMAN 1955. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, emérito do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na Republica Argentina. Integrou como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército escreveu o artigo As Guerras Holandesas, da **História do Exército perfil Militar de um Povo**. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980 Academia sobre a qual escreveu 4 livros sobre sua História, além de diversos artigos Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1980. E autor de mais de 110 obras (Álbuns livros e plaquetas) disponíveis para serem baixados no site www.ahimtb.org.br e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no citado site . Seu último livro foi sobre **Marechal José Pessoa e seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército**. Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul constante de 24 livros, dos quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu como Diretor do Arquivo Histórico do Exército , comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, a qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1982. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves RS , na construção do Tronco Ferroviário Sul, considerado serviço de natureza nacional relevante. Fundou e presidiu as Academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba, Petropolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Vale do Paraíba. correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembleias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. E cidadão itajubense, itatiaense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária. Foi palestrante sobre História do Exército nas ESG, ECEME, IME, EsAO, AMAN, ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife, Rio de Janeiro, Porto Alegre e no NPOR de Pelotas, e Itajuba e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes, para ser lançado neste ano de 2022, Bicentenário da Independência, a obra **Os 78 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021**. E ainda para o Bicentenário da Independência, a

Biblioteca do Exército lançará seu livro **Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional**, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. Este ano complementara 91 anos de idade .Se Deus quiser!.Em seu site e no Google pode ser acessado seu livro digital **Meu legado historiográfico civil e militar não vivi em vão!** Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170.Site www.ahimtb.org.br. E-mail bento1931@gmail.com Celular 24/999247757